



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO URBANISMO, HISTÓRIA
E ARQUITETURA DA CIDADE**

GUIDO PAULO KAESTNER NETO

**PERMANÊNCIAS LÍQUIDAS:
DO GALPÃO DA RECEPÇÃO AOS ABRIGOS, BLUMENAU-SC**

Florianópolis
2017

Guido Paulo Kaestner Neto

**PERMANÊNCIAS LÍQUIDAS:
DO GALPÃO DA RECEPÇÃO AOS ABRIGOS, BLUMENAU-SC**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em “Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade”, PGAU-Cidade, do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, linha de pesquisa “Urbanismo, Cultura e História da Cidade”.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Eduardo Fontoura Teixeira

Florianópolis
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária
da UFSC.

Kaestner Neto, Guido Paulo

Permanências líquidas : do galpão da recepção aos
abrigos, Blumenau-SC / Guido Paulo Kaestner Neto ;
orientador, Luiz Eduardo Fontoura Teixeira, 2017.
76 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós
Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Florianópolis,
2017.

Inclui referências.

1. Arquitetura e Urbanismo. 2. Elementos
primários. 3. Galpão da recepção. 4. Abrigos em
Blumenau-SC. I. Fontoura Teixeira, Luiz Eduardo.
II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo.
III. Título.

TERMO DE APROVAÇÃO

GUIDO PAULO KAESTNER NETO

PERMANÊNCIAS LÍQUIDAS: DO GALPÃO DA RECEPÇÃO AOS ABRIGOS, BLUMENAU-SC

Esta dissertação foi submetida ao processo de avaliação conduzido pela Banca Examinadora instituída pela Portaria nº 002/PGAU-CIDADE/17, para obtenção do título de “Mestre em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade”, tendo sido aprovada em 9/3/2017, em cumprimento às normas da Universidade Federal de Santa Catarina e do Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, PGAU_CIDADE.

Prof. Dr. Arq Luiz Eduardo Fontoura Teixeira
(Presidente) Orientador – UFSC / SC

Prof. Dr. Gilberto Sarkis Yunes
(Membro) UFSC / SC

Prof^a. Dr^a. Claudia Araripe Freitas Siebert
(Membro Externo)

Prof. Dr. Luiz Alberto Souza
(Membro Externo)

Prof Dr Arq Almir Francisco Reis
Coordenador do PGAU-CIDADE – UFSC / SC

Este trabalho é dedicado a Patrícia,
Bárbara e Catarina.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade (PGAU-Cidade).

Ao Professor Dr Nelson Popini Vaz por suas sempre generosas contribuições ao processo.

Aos membros da Banca, professores Dra Claudia Araripe Freitas Siebert e Dr Luiz Alberto Souza. Encerra-se mais um ciclo de conhecimento com a participação de vocês que origina-se da graduação.

Ao professor Gilberto Sarkis Yunes pelas conversas, trocas de idéias e paixão pela arquitetura e modernismo.

Ao orientador, professor Luiz Eduardo Fontoura Teixeira, pela dedicação, paciência e companheirismo, acima de tudo por compartilhar da vida a música, os quadrinhos e o amor pela ilha.

Aos colegas Caetano, Carla, Catalina, Eduardo, Everton, Isabela, Lucas, Maicon, Norberto, Patrícia e Vivian, por estes momentos de compartilhar estudos e conhecimento.

Aos amigos Luciano e Adriana, pelo teto e o alimento que permitiram a realização destes estudos.

Ao amigo Henrique Sommerfeld pela doação de livros que foram fundamentais para a estruturação do trabalho.

A memória guardará o que valer a pena. A memória sabe de mim mais que eu; E ela não perde o que merece ser salvo.
(Eduardo Galeano)

RESUMO

A chegada de 17 imigrantes em 2 de Setembro de 1850 estabelece a fundação da Colônia de Blumenau, pelo Dr Bruno Otto Blumenau. Os imigrantes que sucedem o primeiro grupo encontram seu primeiro abrigo na chamada Casa da Recepção. Nesse local, reúnem-se para se abrigar, estudar, orar e se divertir.

Com base nos estudos de Aldo Rossi, conceitua-se o que são os elementos primários em Blumenau-SC associados ao Galpão da Recepção. Os relatos aqui indicados buscam não apenas o valor histórico ou artístico destes espaços, mas acima de tudo identificar os seus valores afetivos e existenciais que estabelecem um novo ciclo de abrigo.

Estes relatos representam a importância da abordagem da subjetividade nos estudos de arquitetura e urbanismo.

Palavras-chave: Casa da recepção. Elementos primários. Subjetividade na arquitetura.

ABSTRACT

The arrival of 17 immigrants on September 2, 1850 established the foundation of the Colony of Blumenau, by Dr Bruno Otto Blumenau. The immigrants who succeed the first group find their first shelter in the so-called Reception House. In this place, they gather to shelter, study, pray and have fun.

Based on the studies of Aldo Rossi, it is conceptualized what are the primary elements in Blumenau-SC associated with the Reception Hall. The reports indicated here seek not only the historical or artistic value of these spaces, but above all, to identify their affective and existential values that establish a new shelter cycle.

These reports represent the importance of the subjectivity approach in architecture and urban studies.

Keywords: Reception house. Primary elements. Subjectivity in architecture.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 - Campanha "Alemanha sem passaporte", Prefeitura Municipal de Blumenau..... | 26 |
| Figura 2 - Imigrantes alemães desembarcando na cidade de Itajaí em 1885..... | 31 |
| Figura 3 - Chegada dos primeiros colonos em Blumenau..... | 34 |
| Figura 4 - Stadplatz (centro urbano)..... | 35 |
| Figura 5 - Localização do Galpão da Recepção..... | 35 |
| Figura 6 - Figura – Galpão da recepção..... | 36 |
| Figura 7 - Galpão da recepção..... | 37 |
| Figura 8 - Localização do Galpão da Recepção..... | 39 |
| Figura 9 - Ilustração de Bernhardt Scheidemantel..... | 42 |
| Figura 10 - Gráfico da evolução das cheias por décadas..... | 46 |
| Figura 11 - Mapa de cheias de Blumenau em simulação de 12 metros..... | 48 |
| Figura 12 - Localização dos elementos primários em recorte urbano de Blumenau-SC..... | 49 |
| Figura 13 - Colégio Sagrada Família..... | 49 |
| Figura 14 - Colégio Sagrada Família..... | 50 |
| Figura 15 - Furb, Campus I, Rua Antônio da Veiga..... | 51 |
| Figura 16 - Igreja Matriz a partir da Rua XV de Novembro..... | 52 |
| Figura 17 - Antiga matriz e casa paroquial..... | 52 |
| Figura 18 - Nova Catedral, perspectiva de Gottfried Böhm..... | 53 |
| Figura 19 - Nova Catedral..... | 53 |
| Figura 20 - Catedral como abrigo e central de arrecadação de doações..... | 54 |
| Figura 21 - Igreja Luterana do Centro e Ponte Coberta..... | 55 |
| Figura 22 - Famosc..... | 56 |
| Figura 23 - Vila Germânica como central de arrecadação de doações..... | 57 |
| Figura 24 - Vila Germânica atingida pelas Cheias..... | 57 |
| Figura 25 - Pórtico lojas Hermes Macedo para o Natal na rua XV de Novembro..... | 58 |
| Figura 26 - Iluminação natalina em residência em Blumenau, SC..... | 59 |
| Figura 27 - Magia de Natal, desfile na Vila Germânica..... | 59 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|-------------------------------------|----|
| Quadro 1 - Abrigos de Blumenau..... | 47 |
|-------------------------------------|----|

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1 - Picos de cheias registradas no município de Blumenau superiores a 8,50m separados pelos períodos de evolução urbana de Blumenau | 45 |
|--|----|

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACCTB (Associação dos Clubes de Caça e Tiro de Blumenau)
ACIB (Associação Comercial e Industrial de Blumenau)
AHJFS (Arquivo Histórico José Ferreira da Silva)
CAU (Conselho de Arquitetura e Urbanismo)
CEOPS (Centro de Operação do Sistema de Alerta)
COEB (Comissão de Exposições de Blumenau)
FAMOSC (Feira de Amostras de Santa Catarina)
FAPESC (Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação)
FIESC (Federação da Indústria de Santa Catarina)
FURB (Universidade Regional de Blumenau)
LABGEO (Laboratório de Geoprocessamento do Departamento de Engenharia Florestal)
MEC (Ministério da Educação e Cultura)
IAB (Instituto dos Arquitetos do Brasil)
PCI (Programa Catarinense de Inovação)
PF (Polícia Federal)
PMB (Prefeitura Municipal de Blumenau)
PROEB (Fundação Promotora de Exposições de Blumenau)
SEBRAE/SC (Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Santa Catarina)
SLLA (Projeto Sistemas de Informação Ambiente de Aprendizagem)
UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina)

LISTA DE SÍMBOLOS



Indicação de Norte

SUMÁRIO

| | | |
|--------------|---|-----------|
| 1.1 | OBJETIVOS | 18 |
| 1.1.1 | Objetivo geral | 18 |
| 1.1.2 | Objetivos específicos | 18 |
| 2 | SUBJETIVIDADE E ARQUITETURA | 20 |
| 2.1 | Elementos Primários | 21 |
| 2.2 | Memória e Esquecimento..... | 22 |
| 2.2.1 | Memória | 22 |
| 2.2.2 | Esquecimento | 24 |
| 2.3 | Identidade..... | 25 |
| 2.4 | Ethos do trabalho | 26 |
| 3 | ELEMENTOS PRIMÁRIOS EM BLUMENAU | 30 |
| 3.1 | A COLÔNIA | 30 |
| 3.2 | GALPÃO DA RECEPÇÃO | 34 |
| 3.3 | ABRIGOS | 45 |
| 3.3.1 | Colégio Sagrada Família | 49 |
| 3.3.2 | Furb | 50 |
| 3.3.3 | Catedral São Paulo Apóstolo | 51 |
| 3.3.4 | Paróquia Luterana Centro | 54 |
| 3.3.5 | Vila Germânica | 56 |
| 3.3.6 | Os ritos | 57 |
| 4 | CONCLUSÃO | 62 |
| | REFERÊNCIAS | 65 |
| | ANEXO A – Principais fatos registrados no período de 1850 a 1899 | 69 |
| | ANEXO B – Colônia de Blumenau em 1864 | 70 |
| | ANEXO C – Blumenau em 1900 | 71 |
| | ANEXO D – Principais fatos registrados no período de 1850 a 1899 | 72 |
| | ANEXO E – Mapa de Blumenau de 1938 | 73 |

| | |
|---|-----------|
| ANEXO F – Principais fatos registrados no período de 1950 a 1999 | 74 |
| ANEXO G – Mapa de Blumenau de 1955..... | 75 |
| ANEXO H – Principais fatos registrados no período de 2000 a 2016 | 76 |

INTRODUÇÃO

O historiador Fustel de Coulanges, ao estudar o culto, o direito e as instituições de Grécia e Roma registra como as cidades nascem a partir de pequenos grupos: “...várias famílias formaram a fratria, várias fratrias a tribo, e muitas tribos a cidade. Família, fratria, tribo, cidade são, portanto, sociedades semelhantes entre si, nascidas umas das outras através de uma série de federações.” (1864, p. 101).

Para Coulanges, cidade e urbe não eram palavras sinônimas no mundo antigo sendo a cidade a associação religiosa e política das famílias e das tribos e a urbe o lugar de reunião, o domicílio e sobretudo o santuário dessa cidade (1864, p. 106).

A cidade de Blumenau nasce de um projeto de colônia, dividida em lotes. As associações de famílias ou indivíduos ocorrem em meio a busca de uma nova vida na América com os desafios de lutar contra a floresta, doenças e a construção de sonhos. Nesses primeiros momentos na nova terra, a arquitetura que os abriga é denominada Galpão da Recepção. Esse era o espaço de abrigo, de educar, de associar, de orar, como tantas outras coisas que expressam as vicissitudes da vida no paraíso (ou inferno para alguns). Eram tempos de iguais, sem distinções de classes sociais onde as dificuldades os forjavam, mostravam suas fraquezas como indivíduos, mas fortes em conjunto, guiados por um espírito de grupo.

O tempo separa os verbos nos espaços e se cria a casa (provisória e definitiva), a morada da alma (lugar do culto e da missa), a residência do saber (a escola), etc. Os verbos precedem arquiteturas ao expressar as ações de seus usos. Oportunamente os usos se embaralham, desaparecem ou observam do alto o Itajaí-Açu que reivindica seu espaço, periodicamente, majestosamente e indiferente aos verbos ou as diferenças, impele-nos contra o chão ou ao que resta seco dele. A escola vira abrigo, a igreja vira abrigo e por algum instante, pelo menos poeticamente, voltamos a ser iguais.

Na prática as estruturas familiares nos protegem, frágeis esticam a mão em palma e fortes lançam moedas, ambas procuram abrigo e proteção. Mas existe uma diferença nesta Blumenau, que se ergue antes que o leito do rio retorne a sua calha. Utiliza-se de suas águas para a limpeza. Abrem-se caminhos através da lama onde os entulhos parecem vísceras expostas às vezes pelos florais de um sofá desfigurado. Na seca do lodo vem o pó e em meio a tudo a cidade retoma seu ritmo. O olfato busca o cheiro do café nas casas acompanhado pelo pão quente no saco de papel que vaga pelas ruas.

Aos poucos a escola vira escola, igreja vira igreja, casa volta a ser casa e retoma-se a indiferença. Existe um tempo para tudo e o de lamentar é curto, a normalidade pede passagem. A cada jornada compete um *zeitgeist* (espírito de seu tempo).

O primeiro capítulo aborda as questões de subjetividade relacionadas à arquitetura com base no conceito de elementos primários de Aldo Rossi.

O segundo capítulo apresenta o Galpão da Recepção e suas rotinas. A seguir são relacionados outros elementos primários associados às atividades desenvolvidas no interior do Galpão e como, ao se transformarem em abrigos nos períodos das cheias, repetem o ciclo de reunião.

1.1OBJETIVOS

1.1.1Objetivo geral

Identificar os elementos primários associados ao galpão da recepção aos abrigos no município de Blumenau – SC.

1.1.2Objetivos específicos

Conceituar o que são os elementos primários e as questões que permeiam a subjetividade em relação a arquitetura.

Identificar e localizar os elementos primários em Blumenau, SC relacionados às atividades oriundas do Galpão da Recepção.

À criança historiadora

Preencher a memória é reter os ingredientes da vida comum que é recurso do nosso imaginário. Assim, a história da arquitetura é uma ótima fornecedora, usando-a para lubrificar esse território com base no qual se deve agir.

Conta a memória que não existimos se não baseados em recordações. Assim, a infância da arquitetura nos expõe com humildade e inocência; assim como "a descoberta da realidade da criança" nos ensina a observar em detalhes e a tentar entender essas primeiras interações com o mundo. É a consciência de um fato constante contra o que significa estar vazio. A história da arquitetura são duas coisas: confrontar-se a edifícios que abrem a perspectiva e cuja experiência nos fornece um imaginário para remover idéias e interesses. Então, os referentes são para usá-los com versatilidade e agilidade: idéias por trás dos prédios. A história não é o passado, consiste no pretérito (já vivido) e acontece no contexto. Diante disso, existe uma Curiosidade Expansiva que responde à vida do arquiteto e sua imersão na cidade. As alusões metafóricas no mundo nos trazem de volta à poesia inerente da vida: coisas vistas de outra perspectiva. E há o mundo imaginário dentro do qual também devemos desenvolver-nos. É por isso que o artista tem a urgência de antecipar e assim conquistar o espaço imaginário. E esse é o drama do artista e do arquiteto diante da folha em branco. Você precisa de uma referência: malha/ escala / referências. Crianças e mundos imaginários através da memória nos convidam, acima de tudo, a ter uma leitura aprofundada de uma pessoa consciente da sua própria história. (Frederick Cooper)

2SUBJETIVIDADE E ARQUITETURA

A apropriação do espaço arquitetônico como extensão do sujeito é a hipótese que norteia a pesquisa de Lucia Leitão em seu livro *Onde coisas e homens se encontram*. Situamo-nos no campo das subjetividades, comuns a psicanálise e recentes para os estudos de arquitetura, conforme a autora “Distantes das questões morfológicas, o objeto de estudo passa a ser a experiência vivenciada no espaço arquitetônico que determina a apropriação e, com ela, a valoração subjetiva do espaço que a arquitetura produz em seu fazer cotidiano.” (2014, p. 15).

Nosso objeto de estudo está relacionado à cidade de Blumenau, SC, marcado pela colonização alemã. Em relação ao povo alemão e o espaço arquitetônico, Leitão refere-se ao exemplo relatado por soldados americanos com prisioneiros alemães durante a II Guerra Mundial. Em cárcere e munidos de recursos mínimos, os soldados dividiam o espaço, já exíguo, em cubículos individuais. Em outra situação refere-se a uma solução para a crise de alojamentos em Berlim (final da guerra): as autoridades locais determinaram que as famílias que dispunham de cozinhas e banheiros intactos compartilhassem esses espaços com seus vizinhos. Não funcionou e a ordem teve que ser cancelada. Para os alemães, registra Hall (*apud* Leitão, p. 22) “... o espaço é um prolongamento de si mesmos, donde a importância da privacidade no espaço edificado”.

Nesse contexto inicial analisamos em Blumenau o Galpão da Recepção, espaço este destinado a abrigar os imigrantes recém chegados na nova terra. Em comum aos exemplos anteriores, a falta de privacidade do primeiro abrigo e inclusas as dificuldades por abandonar a terra natal e reconstruir suas vidas a partir da mata.

O abandono da terra natal é importante pelo sentimento de perda. Para Leitão, pela psicanálise pela ótica de Freud em relação ao desejo: “... fala de um impulso de natureza psíquica, inconsciente, gerado a partir de um objeto definitivamente perdido e jamais recuperado. Fala, portanto, de uma falta absoluta, permanente, que marca a condição humana.” (2014, p. 46)

Também nos parece claro a figura da pátria mãe, em consonância com a linha de pensamento anterior. Mas vamos além com o pensamento de Leitão em relação ao espaço arquitetônico:

“O espaço arquitetônico se oferece para realização simbólica do desejo humano, transcendendo,

portanto, em muito, a função de abrigo amplamente difundida pela teoria arquitetônica. Nele, o ser humano vai buscar muito mais do que a arquitetura pode oferecer enquanto construção produzida de modo racional e segundo princípios definidos pela geometria.” (2014, p. 50).

O que o galpão nos chama atenção, portanto, não reside na qualidade do seu espaço arquitetônico ou como forma ou sistema construtivo, mas do agrupamento de experiências e sonhos. Distantes da terra mãe. Seguimos um ponto importante que é a relação da arquitetura e a figura da mãe, conforme Leitão:

O espaço construído tem como elemento mobilizador o sentimento de perda vivenciado por todo ser humano a partir da experiência de separação da mãe que o ato de nascer propicia. Nessa experiência – que na psicanálise se conhece como estado de desamparo -, está em jogo não apenas a sobrevivência física, biológica, mas também a psíquica, existencial, donde sua marca indelével nessa extraordinária aventura que é a história humana. (2014, p. 50).

Vamos perceber como o são significativos, no Galpão da Recepção, esses elementos e suas relações com o início da cidade, mas principalmente com os mecanismos de identidade.

2.1 Elementos Primários

Lucia Leitão explora o conceito de elementos primários de Aldo Rossi, ela afirma se tratar de unidades estruturantes da forma que a cidade adquire. São, portanto, elementos constituintes do espaço urbanístico que a partir deles se gera sua essencialidade. Os elementos primários respondem, ainda, pela imagem que a cidade produz de si mesma e pela qual é reconhecida em sua singularidade. (2014, p. 85)

Rossi registra que os elementos primários participam da evolução da cidade no tempo de maneira permanente, identificando-se freqüentemente com os fatos constituintes da cidade: “A união desses elementos (primários) com as áreas em termos de localização e de construção, de permanências de plano e de permanências de edifícios, de

fatos naturais ou de fatos construídos, constitui um conjunto que é a estrutura física da cidade.” (2001, p. 114)

É importante perceber que esses elementos são capazes de acelerar o processo de urbanização de uma cidade e, referindo-os a um território mais vasto, elementos caracterizantes dos processos de transformação espacial do território. Eles agem freqüentemente como catalisadores. Originalmente sua presença só se pode identificar como uma função, mas logo se elevam a um valor mais significativo. Nem sempre, contudo, são fatos físicos, constituídos, detectáveis: podemos considerar, por exemplo, o lugar de um acontecimento que por sua importância deu lugar a transformações espaciais.

Interessa-nos essa descrição, pois a partir do Galpão vão surgir associações e atividades que se transformarão a seu tempo, em elementos primários. No entanto os critérios de seleção dos elementos de estudo agregam as questões das cheias, evento importante para a identidade de luta dos colonos, mas também na transformação e da ocupação da malha urbana.

O valor simbólico dos elementos primários ocorre em edificações que se tornam monumentos, ao extrapolar em muito o valor material e a função para a qual foram erguidas, bem como espaços de memória que toda cidade cultua.

2.2 Memória e Esquecimento

2.2.1 Memória

Os registros de memórias individuais são importantes para a memória coletiva. Rossi escreve que “... pode-se realizar qualquer redução da realidade urbana e sempre se chegará ao aspecto coletivo; o aspecto coletivo parece constituir a origem ou o fim da cidade.” (2001, p. 116).

Para Halbwachs a memória faz parte de uma experiência coletiva:

“Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre

levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem. (2006, p. 31)

Esquecer um período da vida é perder o contato com os que então nos rodeavam. Ao mesmo tempo, nesses tempos de modernidade líquida, a troca constante de interesses e de grupos dilui sensivelmente a memória coletiva. Halbwachs assinala:

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum. Não basta reconstituir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. Somente assim podemos compreender que uma lembrança seja ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída. (2006, p. 39)

A importância da memória coletiva e do que aconteceu no Galpão da Recepção faz parte da construção da identidade da cidade:

“No primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos eventos e das experiências que dizem respeito à maioria de seus membros e que resultam de sua própria vida ou de suas relações com os grupos mais próximos, os que estiverem mais freqüentemente em contato com ele.”

“Contudo, quando essa lembrança reaparece, não é consequência de um conjunto de reflexões, mas de uma aproximação de percepções determinada pela ordem em que se apresentam determinados

objetos sensíveis, ordem essa resultante de sua posição no espaço.” (Halbwachs, 2006, p. 51 a 53)

2.2.2 Esquecimento

Muito se tem escrito e publicado a respeito da memória porém muito pouco se encontra a respeito do esquecimento. Um autor em particular, Huyssen, tem trabalhado sobre este tema, ele destaca que “... na cultura contemporânea existe uma obsessão pela memória e pelo trauma.” (2014, p. 155). O autor esclarece que sempre que o esquecimento é associado a alguma área do conhecimento, ele parece se apresentar como uma falha da memória: clinicamente é uma disfunção, socialmente uma distorção, academicamente como uma forma de pecado original e em termos de vivência um subproduto lamentável do envelhecimento.

As formas de se dar o esquecimento nas esferas política e pública são tratadas por Ricoeur (*apud* Huyssen) em três distinções básicas:

“...a memória impedida (*mémoire empêchée*): relacionado com o inconsciente freudiano e com a compulsão à repetição; memória manipulada (*mémoire manipulée*): relação com a narratividade, no sentido de que qualquer narrativa é seletiva e implica, passiva ou ativamente, certo esquecimento de que uma história poderia ser contada de outra maneira e o esquecimento obrigatório (*oubli commandé*): ou o esquecimento institucional que prevalece nos casos de anistia. (2014, p. 158)

Para todos estes casos, Huyssen observa que o esquecimento deve ser situado em um campo de termos e fenômenos como silêncio, desarticulação, evasão, apagamento, desgaste e repressão.

O que nos importa nas questões do esquecimento é que pouco se observa em relação à memória das cheias. No Hospital Santa Catarina existe a marcação do nível atingido por uma das cheias em um de seus degraus na escadaria de acesso. Com a cultura das redes sociais, no entanto, existe ampla divulgação de fotos sobre este fenômeno como no caso de 2008, mas ele acontece no decorrer de sua duração. Parte desta questão do esquecimento das cheias se dá em função da capacidade de seguir em frente, de se recuperar, logo nada a se lamentar.

2.3 Identidade

Bauman descreve o quão complexo pode ser a questão de identidade e relata sua própria experiência, nascido Polonês, cidadão Britânico num gesto de inclusão e exclusão entre as duas nações, uma de origem e que lhe nega e outra de escolha que lhe acolhe. Para ele:

“As pessoas em busca de identidade se vêem invariavelmente diante da tarefa intimidadora de alcançar o impossível: essa expressão genérica implica, como se sabe, tarefas que não podem ser realizadas no tempo real, mas que serão presumivelmente realizadas na plenitude do tempo - na infinitude.” (2005, p. 16)

Essa dualidade é importante para a condição do colono alemão que se vê ainda vinculado a pátria de origem. A identidade neste caso é importante para a definição de comunidade, Bauman as classifica em dois grupos: “Existem comunidades de vida e de destino, cujos membros (segundo a fórmula de Siegfried Kracauer) vivem juntos numa ligação absoluta, e outras que são fundidas unicamente por ideias ou por uma variedade de princípios.” (2005, p.17)

Existe, no entanto, uma crise de identidade para os dias atuais, assinalada por Bauman:

“É disso que nós, habitantes do líquido mundo moderno, somos diferentes. Buscamos, construímos e mantemos as referências comuns de nossas identidades em movimento - lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos manter vivos por um momento, mas não por muito tempo. Para isso não precisamos estudar e dominar o código de Goffman. Os celulares são suficiente. Podemos comprá-los, junto com todas as habilidades de que precisamos para este fim, numa loja da principal rua do centro da cidade. Com os fones de ouvido devidamente ajustados, exibimos nossa indiferença em relação à rua em que caminhamos, não mais precisando de uma etiqueta rebuscada. Ligados ao celular, desligamo-nos da vida. A proximidade física não se choca mais com a

distância espiritual. No admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis não funcionam.” (2005, p. 32 e 33)

Por um lado é importante a manutenção do patrimônio histórico, mas que se observe não apenas um recorte do tempo. Uma arquitetura nos moldes internacionais, baseada em modismos, configura uma cidade doente, longe dos elementos de identidade de seus cidadãos. Os estudos de subjetividade na arquitetura podem determinar formas de iniciar um projeto através do conhecimento e reconhecimento dos protagonistas deste espaço.

Outro aspecto apontado por Montaner em relação a manipulação da identidade: “querem estabelecer identidades simples para controle interno e comunicação externa, voltadas aos investimentos e ao turismo, e que se transmitem convenientemente adoçadas por meio de campanhas publicitárias.” (2014, pg 159)

Figura 1 - Campanha "Alemanha sem passaporte", Prefeitura Municipal de Blumenau



Fonte: CLICRBS, Blog do Pancho, 2014

2.4 Ethos do trabalho

Uma das características de identidade marcantes dos Blumenauenses sempre foi associada ao trabalho, principalmente no processo de recuperação após as cheias. Essa relação com o trabalho é destacada por Giralda Seyferth em seu artigo sobre A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica, destaca a autora:

“Na colônia, são alemães, e para continuar assim devem ser preservadas a língua, as instituições, os costumes, a tradição “de origem”. Mas, por outro lado, o processo imigratório envolvendo a fixação no Brasil implicou na existência de uma pátria

fora do território alemão. A concepção aparece claramente associada à esfera político-econômica e, mais explicitamente, ao *ethos* (caráter moral) do trabalho. Trabalhar para o engrandecimento do país seria, nesse caso, a expressão máxima do dever do cidadão.” (1994, p. 18 e 19)

O conceito de *heimat* (lar) está associado a dois princípios de identidade teuto-brasileira: a nacionalidade/cidadania brasileira como princípio territorial e a origem étnica alemã como direito de sangue. A autora esclarece:

“A origem alemã é a qualidade étnica fundamental, etnocentricamente associada a um *ethos* do trabalho simbolizado pela colonização; origem que evoca pertencimento a um povo ou raça, mas que raramente impõe critérios fenotípicos como sinais de distinção étnica. O processo de colonização se tornou símbolo da etnicidade e modelo contrastante em relação à sociedade brasileira mais ampla. A imagem do imigrante alemão que dignifica o trabalho remete a uma apropriação simbólica da história da colonização – uma imagem construída por oposição a brasileiros estereotipados, num contexto de identidades contrastivas.” (1994, p. 23)

As festas aparecem como caráter de símbolo étnico, mesmo que destinadas para consumo turístico, pois sinalizam diferenças em relação aos demais brasileiros e reafirmam seus valores culturais próprios. A Oktoberfest é lançada logo após a enchente de 1984, como forma de festejar o espírito de recuperação do povo blumenauense. Mas como destaca Seyferth:

Não deixam de ser uma forma de renovação da distintividade, em que aparecem, em primeiro plano, os valores associados ao trabalho e à eficiência alemã, que se faz publicamente para os outros (no sentido étnico do termo), apesar de criticada por uma parte da população de origem alemã como manifestações de “cultura da cerveja”. Os valores étnicos que marcam esse caráter de grupo são associados à origem alemã. Além disso, são preservadas algumas

características culturais e sociais importantes que constituem elementos de diferenciação inclusivos, como a língua alemã, o estilo de vida, ou, ainda, a recente proliferação de festas pretensamente étnicas que exibem para o exterior uma representação da cultura teuto-brasileira. (1984, p. 26)

Adiante iremos destacar como as festas se manifestam nos elementos primários mas é importante registrar os ritos da casa e da cidade para o Natal e a Páscoa, suas relações com o fogo assim como o eram os ritos do fogo na cidade antiga.

Uma passagem que ilustra bem a identidade com o trabalho, está inserida nos Conselhos do Dr Blumenau aos pretensos colonos:

“O mais difícil é o começo, principalmente os três primeiros meses após a vinda dos recém-chegados desta classe, pois “a cama é dura, a alimentação é ruim e nada me agrada”, mas aos poucos, a gente se acostuma à vida selvagem, livre, peculiar e sem limites na floresta, ainda mais se alguns conhecidos ou amigos tiverem se estabelecido em propriedades próximas umas das outras, formando assim um pequeno círculo de pessoas que pensem da mesma maneira. E inclusive, aqueles que que estavam mal acostumados com a troca de ideias e o convívio com intelectuais, acabam gostando do belo país, de tal modo, que não pensam mais em voltar às suas condições anteriores, mesmo que sua situação financeira o permitisse.” (2002, p.203)

Esta referência mais geral é importante porque os imigrantes alemães e seus descendentes compartilharam sua história com outras etnias emigradas da Europa e, nessa situação, compartilharam uma identidade coletiva comum – a de colono. Passado o tempo, cada qual se encaminha para o seu lote para escrever sua própria história.

Primeira Raiz

Ancestral não diria:
Antes cesto de tudo,
Antes tempo em que mudo:
Pêlo, pele, sobretudo.
Ancestral direi:
Se memória não fosse mais
(e é tudo)
que risco na cerâmica quebrada,
o nome dentro da pedra achada,
e o amor, esta breve palavra,
em milagre de nada.
Ancestral, sim,
porque o que passou, passa, passará,
não passa de matiz, matriz, da manhã.
E dúvida ancestral
não é mais que fogo, afago, cinza.
E tudo que penso
Pouco mais dura que a escrita,
A da raiz, a da marca do pé na terra,
Que mino, rumino,
e que me habita.

LINDOLFO BELL, Código das águas

3ELEMENTOS PRIMÁRIOS EM BLUMENAU

O Galpão da Recepção foi erguido na chamada *Stadtplatz* (Centro Urbano). Por se tratar de uma arquitetura primeira e cuja área de localização hoje é reconhecida como Centro Histórico, identifica-se esta edificação como um elemento primário.

Para outra definição, precisamos de elementos que respondam pela imagem que Blumenau produz de si mesma e que se reconheça em sua singularidade. Partindo do Galpão, o critério de seleção para os elementos primários a seguir, são os registros de atividades que acontecem dentro desta edificação quando ainda não havia a cidade: o educar, o exercer a fé, o trabalho e as festas, em particular a Páscoa e o Natal.

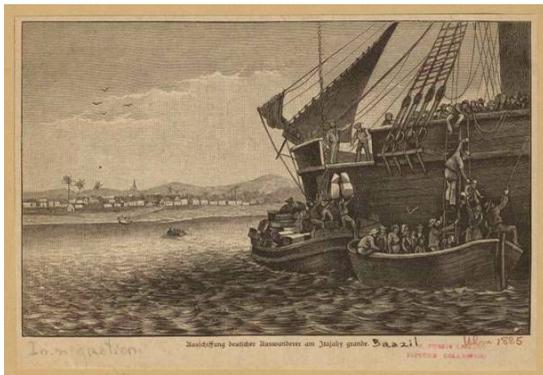
Para que se reconheça o ciclo de encontro, estes espaços deveriam também fazer parte da rede de abrigos estabelecida pela Defesa Civil de Blumenau quando do evento de cheias do Rio Itajaí-Açu. Foram identificadas a Igreja do Espírito Santo, Luterana e a Catedral de São Paulo Apóstolo, Católica para a fé; O Colégio Sagrada Família e a Furb representam os espaços do educar e a Vila Germânica como o novo Galpão onde ocorrem as festas.

É importante registrar que outras arquiteturas, existentes ou não, assim como questões de identidade podem ser observadas para além dos objetos e fatos aqui selecionados. O que determina o recorte da pesquisa são os fatos relacionados ao Galpão da Recepção.

3.1A COLÔNIA

Em meados do século XIX a Europa vivia momentos de transformações políticas e sociais. A Revolução Industrial iria estabelecer novas relações entre capital e trabalho, os modos de produção se modificam e um grande contingente se dirige do campo para as cidades. A reorganização política da Alemanha segue até 1870. Eram tempos de pouca esperança. A América oferece uma nova perspectiva de vida e de liberdade. No Brasil a abolição da escravatura busca no imigrante alemão a perspectiva de desenvolvimento para a região Sul, em especial para o Vale do Itajaí.

Figura 2 - Imigrantes alemães desembarcando na cidade de Itajaí em 1885



Fonte:AHJFS.

Havia um momento anterior (antes-cidade), uma cidade invisível, não a de Calvino, mas a de Blumenau, que começa na mente dele e talvez imaginada por LÉNÁRD:

“Pouco tempo depois um farmacêutico de Braunschweig chamado Blumenau seguiu os hamburgueses do Duque. Na farmácia, enquanto se preparam as misturas, é fácil sonhar. Ibsen sonhava com dramas, o Dr. Blumenau com colônias alemãs. Leu, trocou cartas, e um belo dia, com cerca de vinte jovens e suas esposas de espírito empreendedor e sem dinheiro, veio para o Brasil, navegou pelo rio Itajaí, que encontrava o mar aos sul de Joinville, até chegar a uma curva digna de um quadro. Lá, com sensibilidade de artista, com superioridade ducal, com seriedade de farmacêutico, mandou desembarcar as caixas, as sacolas, ou seja, fundou uma cidade.” (2013, p.20)

Assim em meio aos cadinhos se concebe o projeto da colônia. Mas de quais ingredientes se fariam necessários? Quais efeitos (habilidades) individuais que combinados definiriam este elixir-cidade? Rykwert fala de uma seleção de heróis para a antes-cidade:

“No início essas figuras deram expressão imediata à sua natureza interior, a qual, não contaminada, seguia em uníssono com as leis fundamentais de

toda a criação. Elas eram, portanto, capazes de idear as habilidades essenciais, sendo que a constante imitação dessas primeiras ações conduziu a todas as realizações humanas fundamentais. Assim Prometeu inventou a feitura do fogo; Dédalo, a serra – e a escultura; Palamedes, o alfabeto e o jogo de dados; Jubal, a feitura da música; e Tubal-Caim, todos os tipos de trabalho em metal.” (2009, p. 7)

Ao selecionar a listagem dos primeiros dezessete imigrantes de SILVA (1972, p. 40 e 41) relacionamos suas habilidades:

- Prometeu (2): ao fogo relacionamos os lavradores por se tratar de colônia agrícola e destilado de seu suor a base da economia *mater* que erguerá a cidade. Eram eles os jovens Francisco Sallenthien (24 anos) e Paulo Kellner (23 anos).

- Dédalo (2): Não fossem as serras nada aconteceria. O machado acompanha o desbravador. Havia neles a dádiva das esculturas através do enxaimel? Na nobre profissão bíblica de carpinteiro o jovem Daniel Pfaffendorf (26 anos) e como marceneiro Frederico Geier (27 anos).

- Palamedes (7): relacionamos com o alfabeto aqueles com instrução acima dos demais e também aqueles envolvidos nas questões administrativas da colônia. O sobrinho do Dr Blumenau, Reinoldo Gärtner (26 anos); agrimensor Julio Ritscher (22 anos); alveitar Guilherme Friedenreich (27 anos) e sua família: Minna Friedenreich (24 anos) mãe de Clara Friedenreich (2 anos) e Alma Friedenreich (9 meses). Finalmente a charutaria de Frederico Riemer (46 anos em alusão aos jogos de dados etc.

- Tubal-caim (6): os ferreiros André Kolmann (52 anos) e família: Joanna Kohlmann (44 anos) mãe de Maria Kohlmann (20 anos) e Cristina Kohlmann (17 anos) e André Boettscher (22 anos). Finalmente o funileiro Erich Hoffmann (22 anos).

- Jubal: as sociedades de canto comprovam que havia música em cada um deles.

Com a evolução inicial da colônia o Diretor estabelece os perfis mais desejados para o desenvolvimento através de seus “Conselhos práticos aos imigrantes com destino a Blumenau”:

Atualmente, pode-se contar com apenas dois, dificilmente três carpinteiros, entretanto, haveria trabalho por váriosanos para uma dúzia ou mais. Em função da falta de mão-de-obra, a construção

de várias pontes e casas está atrasada, sendo que muitas ficam abandonadas e uma parte é terminada de maneira rude. A elaboração de pedras de amolar seria um ramo industrial muito lucrativo para pedreiros e canteiros, pois, no Rio de Janeiro, uma pedra de tamanho regular custa 30 mil-réis. Existem alguns tanoeiros, construtores de moinhos, fabricantes de ferramentas, ferreiros, alfaiates, sapateiros, segeiros carpinteiros, todos muito procurados e sempre ocupados, de modo que poderia haver mais destas pessoas e ainda assim todas teriam uma boa renda. Ainda há falta de oleiro, que poderia iniciar com poucos recursos e, desde que entendesse de seu ofício, com certeza faria bons negócios. Também há uma total falta de fabricantes de telhas e tijolos que entendam da queima e pintura, pois eles conseguiriam imediatamente trabalho por empreitada ou como diaristas. O colono que possui experiência no cultivo de tabaco pode realizar excelentes negócios, caso entenda ou consiga aprender rapidamente a manufatura de charutos. (2002, p. 110)

Mas não devemos nos enganar, nesses tempos primeiros de tantas dificuldades por vencer, que as habilidades já demarcariam diferenças, todos eram agricultores como assinala o próprio Blumenau (*apud* Silva):

“Os colonos recém chegados abrigados no barracão, foram ocupados, provisoriamente, em serviços agrícolas, plantação de batatas e feijão, nos terrenos incluídos na área demarcada para a sede, não só para não ficarem ociosos, mas, especialmente, para irem habituando-se às novas condições de vida e de trabalho.” (1972, p. 49)

A chegada de 17 imigrantes em 2 de Setembro de 1850 estabelece a fundação da Colônia de Blumenau.

Figura 3 - Chegada dos primeiros colonos em Blumenau.



Fonte:AHJFS

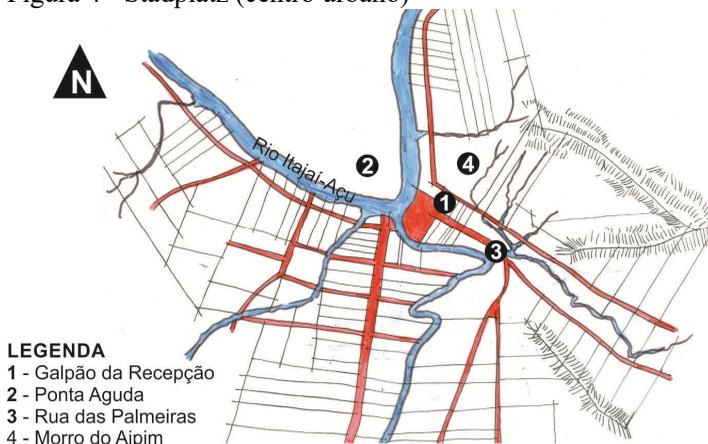
3.2 GALPÃO DA RECEPÇÃO

Os imigrantes que sucedem o primeiro grupo encontram seu primeiro abrigo na chamada Casa da Recepção sendo referenciado no segundo relatório emitido pelo Diretor da Colônia em 1852, em relação a sua construção:

“... fiz grandes roçadas e picadas; medi terras e preparei um edificio bastante grande para o abrigo de colonos. Estando ainda ocupado com estes trabalhos, que conforme a sua natureza se devem sempre de novo principiar e acabar, todavia em poucos dias cinquenta sortes de terras foram medidas e demarcadas, o mencionado edificio pronto para abrigar 80 até 100 pessoas...” (1950, p. 11 e 12)

O historiador José Ferreira da Silva descreve: “Friedenreich deu início à sua casa de tijolos, assobrada, (por muitos anos, o melhor edificio da povoação) onde também foi levantado um grande barracão de madeira para hospedagem de imigrantes, até a sua transferência para os lotes que lhes seriam destinados.” (1972, p. 47). No mapa adaptado da colônia, está identificada a localização do Galpão. É possível observar nas linhas vermelhas as ruas e nas demais as marcações dos lotes.

Figura 4 - Stadplatz (centro urbano)



Fonte: AHJFS, adaptação do mapa da colônia pelo autor, 2017

Sobre a localização e suas primeiras impressões cabe o relato de Hermann Stoer: “Não longe da desembocadura do Garcia no Itajaí, erguia-se a construção mais importante para o imigrante – o barracão dos imigrantes. Não parecia muito convidativo por fora nem o era por dentro. Comprido e estreito, dividido em muitos compartimentos, com triste semelhança à um estábulo onde se separam os bodes das cabras com cria.” (1979, p. 154)

Figura 5 - Localização do Galpão da Recepção



Fonte: AHJFS

Para a arquitetura nos valem novamente do relato de STOER:

“Naturalmente o único material de construção empregado era o palmito, cujas folhas o cobriam. As paredes um dia haviam sido cobertas de barro. Mas as frequentes enchentes já há muito haviam lavado este barro que se acumulava fora e dentro misturado à lama do chão. Janelas e aberturas foram consideradas supérfluas; a porta não havia sido colocada, e o lugar era indicado por uma larga abertura na parede servindo assim ao mesmo tem para ventilação. O chão era de terra batida que não havia sido planada.

Para encher as medidas, uma junta de bois havia escolhido o barracão como seu lar, usando uma vez aquele compartimento mas deixando em todos sua clara legitimação. Também, no teto havia sinais dos animais de modo que havia suficiente iluminação de cima. Esta triste construção fora batizada com o pomposo nome de “casa de recepção”, e os compartimentos eram chamados de quartos.” (1979, p. 154)

Figura 6 - Figura – Galpão da recepção

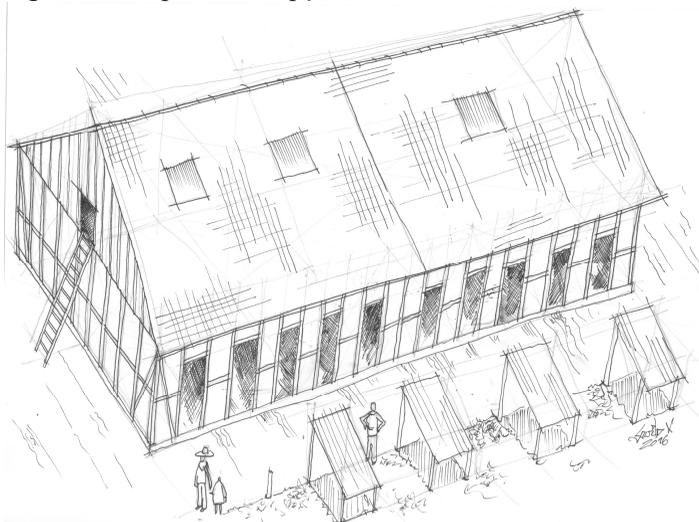


Fonte: AHJFS

Em 1867 é emitido o Decreto Imperial de 19 de janeiro do mesmo ano, dando novo regulamento as colônias do Estado, regulamentando inclusive o Galpão da Recepção: Capítulo III, Recepção e Estabelecimento dos Colonos:

Art. 28 – Cada colônia terá um edifício especial, onde se recolherão, provisoriamente, os colonos recém-chegados até receberem seus respectivos lotes. (SILVA, 1972, p. 100)

Figura 7 - Galpão da recepção



Fonte: Autor, 2016, baseado na observação de fotografias

Para as dimensões registramos o Relatório da Colônia de 1856 por Blumenau que descreve a construção de um novo rancho de abrigo, construído de madeiras falquejadas com 114 palmos de comprimento e 42 de largura. Para uma conversão de medidas, adotamos o palmo de côvado (1 palmo de côvado = 0,227m), introduzido no século XVII através do comércio com a Liga Hanseática, traduzindo-se em 25,88m x 9,53m. Na observação do desenho original do galpão podemos identificar 9 módulos (1,59m cada) na largura e 22 (1,23m cada) módulos no comprimento. No croqui anterior, buscou-se seguir a modulação acima.

Uma descrição física e de caráter pessoal, associada a memória individual de Karl Kleine descreve a primeira impressão do Galpão da Recepção pela visão de um imigrante:

“Bem, então havia quartos, algo bastante promissor. Ele nos levou em direção ao Garcia, onde realmente se encontrava o “hotel” com os nossos “quartos”! Que aspecto maravilhoso e promissor: uma edificação longa e estreita com muitas repartições, cujas paredes externas estavam tão lavadas pelas chuvas e danificadas pelas enchentes, que apenas o enxaimel permanecia em pé, e todo o barro de reboco se encontrava no solo, formando uma papa em tempo chuvoso. As paredes internas dessas repartições eram apenas ripas rachadas de um tipo especial de palmeira, aqui denominada “palmito”, amarradas com cipó (raiz de parasita) em travessões. As ripas estavam jogadas desordenadamente e, em algumas partes, faltavam completamente.

Provavelmente, foram utilizadas como lenha e, ao que tudo indica, as camas do alojamento tiveram o mesmo fim, pois eram feitas do mesmo material. O chão não era assoalhado, nem aplainado. Podia-se contemplar o céu através do telhado, o que todos achavam muito prático, especialmente na época de chuva. Juntando-se a tudo isso ao estrume de alguns bois, que circulavam livremente por ali, podia-se obter uma imagem do rancho de imigrantes, ou como dizia Schröder: “a casa de recepção”. Finalmente, Schröder nos comunicou:

- Pois bem, aqui vocês terão que se acomodar da melhor maneira possível.

Após ter apresentado essa maravilha toda aos recém – chegados, despediu-se e seguiu seu caminho. Os pobres imigrantes realmente não sabiam se deviam rir ou chorar.

Porém, logo se concluiu que não restava alternativa, se não pôr mãos à obra e, vejam, foi mais fácil do que se imaginava! Alguns moradores dos arredores propuseram-se a nos ajudar e, antes de anoitecer, tudo estava acomodado. Naturalmente, faltava muito para que pudéssemos nos instalar confortavelmente,

contudo, precisávamos nos conformar com aquilo durante os dias seguintes. (2011, p. 84 e 85)

Figura 8 - Localização do Galpão da Recepção



Fonte: AHJFS

Sobre as condições de igualdade conforme STOER:

“Os recém-vindos felizmente ainda não tinham esquecido as alegrias da entreponte, de maneira que entraram sem resmungar. Apenas alguns que haviam conhecido melhores dias na Europa, murmuravam algo nas suas barbas que soava bem pouco elogioso. Mas que adiantava? Todos tinham que se submeter. Outra casa não podia ser arranjada, sem com a maior boa-vontade, portanto tratava-se de fechar olhos e nariz e entrar. E realmente foi mais fácil do que muitos pensaram. Uns ajudavam os outros a arrumar o novo lar, que após algum tempo, parecia até confortável.

No entanto, foi esta a época dos nossos maiores sofrimentos. Auxílio não havia. A maioria era paupérrima, alguns até tinham dívidas quando chegaram, e o lucro era quase nulo. Juntava-se a isto o longo e desusado calor, os insetos dos quais não havia como escapar, a mudança de alimentação e as dificuldades de aclimação.

Muitos tinham também “*Heimweth*” (quem quer traduzir esta palavra?). Enfim, sucedeu-nos como a todos os novatos: tínhamos que acostumar-nos a viver nestas condições completamente diversas. Alguns acostumavam-se rapidamente. Outros, por muito tempo, não puderam esquecer a pátria. Conheço companheiros de travessia aos quais ainda hoje assomam as lágrimas aos olhos, ao pensamento da pátria. E no entanto, quantos anos passaram! Mas é uma coisa singular da terra em que nasceu – esquecer ninguém pode. Porém, mesmo assim, poucos foram os que voltaram; mesmo aqueles que poderiam ter ido ficaram. Porque encontrávamos aqui o que para o pobre lá era inatingível – liberdade e terra própria.” (1979, p. 155)

O Galpão é um elemento importante no dia a dia da Colônia e é representado em uma charge desenvolvida por Bernhardt Scheidemantel em 1876, sob o título “Humor e Sátira de Nossos Velhos”, descreve KORMANN:

“O fundador da Colônia coroa o desenho como se fosse o Papa, abençoando a sua obra e num medalhão sustentado por amoretes (1), é reconhecível o centro de Blumenau Colônia, destacando-se a Ponta Aguda, e na rua das Palmeiras, ainda sem as palmeiras plantadas, o primeiro rancho dos imigrante (2). Da fauna e flora brasileira destacam-se os animais (3). Também foram colocadas fitas entrelaçadas com textos relacionados a obra do Doutor Blumenau, entre eles:

“Ao mérito a Coroa! Ou as outras”

“O que deve ser bom. Leva tempo”

“Se não vens hoje, virás amanhã”

“Roma não foi construída num dia”

“O que leva tempo é bom”

“Devagar se vai ao longe”

“Sempre devagar sem pressa”

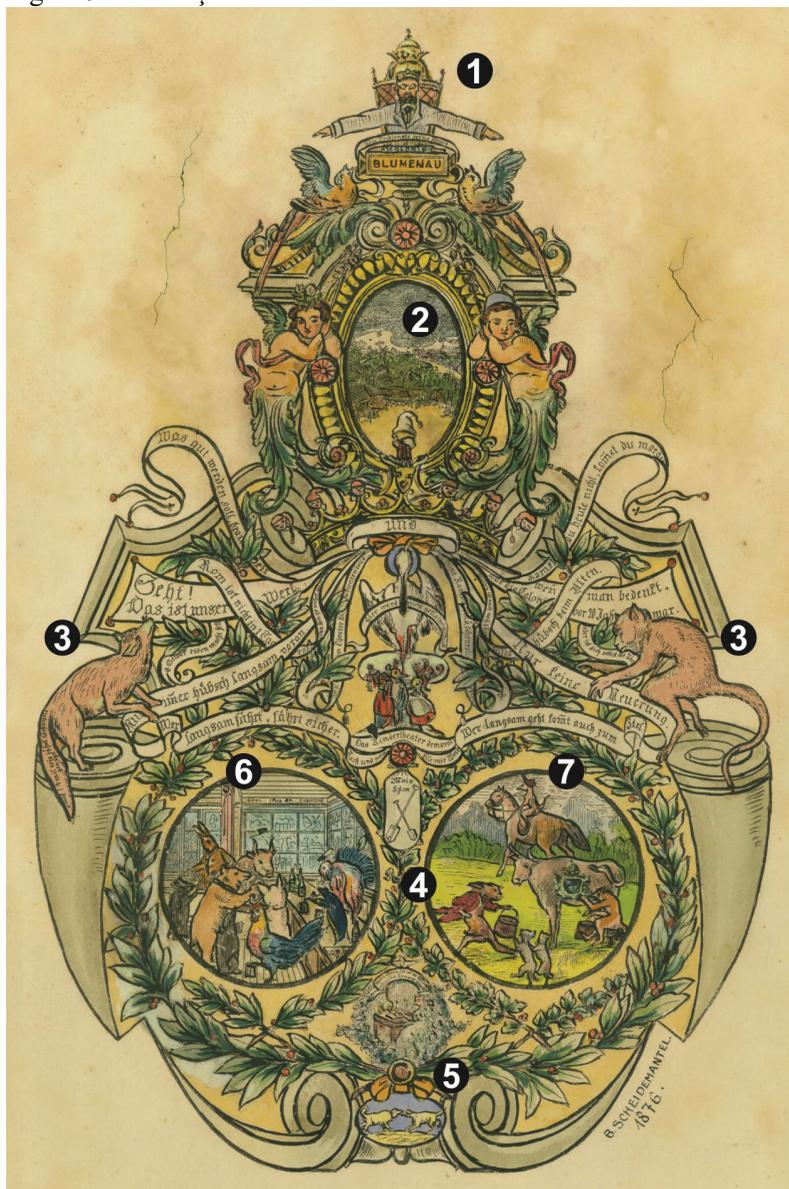
“Amanhã é outro dia”

“Tudo à antiga, nada de novo”

Também havia textos referentes a pessoas da época. Na parte interna do desenho estão duas pás, uma de pedreiro e outra de trabalhos gerais (4).

Abaixo das pás se encontra a sala de estudos do Dr Blumenau, onde mais abaixo dois cães brigam por um osso(5). O desenho ainda contém círculos, um dos quais representa a farmácia veterinária de Karl Wilhelm Friedenreich, com os dizeres: Bittern. Ph. Ar. E Kaschas” (Amargosa, porções e cachaça (6); o outro círculo contém figuras de animais que representam pessoas. A vaca gorda representa o Brasil e quem a ordenha é a Colônia de Brusque. No círculo do grande medalhão, o Dr Blumenau corre com o balde para conseguir tirar leite da vaca, mas não consegue alcançá-la (7). Nos fundos, um cavaleiro que representa Blumenau, restitui o dinheiro não aproveitado, numa crítica a economia e exatidão que foram marcos decisivos no desenvolvimento de Blumenau. No desenho, Bernhardt Scheidemantel uniu humor e sátira. O artigo foi uma homenagem ao “Dia do Colono”.” (1996, p. 15 e 16)

Figura 9 - Ilustração de Bernhardt Scheidemantel



Fonte: AHJFS, 1876.

O galpão como espaço do saber e da fé encontra-se na descrição de Kormann:

Os evangélicos encontraram o rancho de madeira de sólida construção, onde o Dr. Blumenau os reunia para os cultos dominicais. Com a chegada do Professor Ferdinand Ostermann em 1852, este foi encarregado de realizar os cultos no Barracão dos imigrantes, onde o Doutor Blumenau preparou um dos compartimentos que servia de escola e templo evangélico. Segundo relatório de 1853, do Dr Blumenau – “O culto evangélico era celebrado de vez em quando e nas grandes festas, pelo professor formado que se achava entre os colonos”. (1994, p. 13)

Por ocasião do primeiro centenário da Comunidade Evangélica de Blumenau, reflete o Pastor Rolf Dübbers:

“Fazia parte de seus teres e haveres, que trouxeram da velha Europa, a Escritura Sagrada. Sim, as antigas preocupações humanas foram também as deles: comiam e bebiam, casavam e davam em casamento, compravam e vendiam, plantavam e edificavam (Lucas 17: 26ss). Mas eles queriam ouvir, qual devia ser, à luz do Evangelho de Deus, o caminho do homem por entre todas estas preocupações.” (1957, p. 2 e 3)

Em 1857 são registrados números auspiciosos para a imigração e com eles a chega do pastor protestante reverendo Oswaldo Hesse (*apud* SILVA):

“Celebrava os atos do Culto Divino e as cerimônias religiosas, provisoriamente, em um dos compartimentos da Casa da Recepção dos imigrantes, que para tanto foi adaptada... (1972, p. 63 e 64)

É fundada no Galpão da Recepção, em 19 de julho de 1863, a *Kulturverein* (Sociedade de Cultura), de acordo com Silva:

“... além de sua finalidade cultural, tinha também a de prestar auxílio à direção da colônia, fazendo dela propaganda no País e no estrangeiro por meio de escritos e exposições, e a de cuidar da melhoria dos meios de cultivo da terra, da industrialização de seus produtos, etc. Realizava reuniões semanais, durante as quais um dos sócios dissertava sobre assunto previamente estabelecido, entre eles Fritz Müller.” (1950, p. 29)

De acordo com os estatutos, eram finalidades sociais:

a) melhorar a economia rural, bem como as condições sociais, morais e científicas da Colônia Blumenau b) para conseguir essas metas a sociedade promoverá reuniões periódicas nas quais haverá: 1) conferências sobre assunto instrutivo, 2) troca de ideias e consultas mútuas sobre os diversos problemas e, 3) deliberações referentes a esses mesmos problemas. (SILVA, 1950, p. 77)

O registro da passagem do Natal no Galpão da recepção é feito por KLEINE:

“A noite, depois do jantar, todos estavam sentados ao ar livre e um sentimento estranho invadiu cada um – era a primeira noite na nova pátria, era noite de Natal! – Todos recordavam os natais na antiga pátria e, de repente, fez-se um silêncio estranho. De vez em quando se ouvia um som que parecia um soluço.

- Oh pátria! Oh, terra Natal! Quão distante estás, e, ao mesmo tempo tão próxima!

A princípio baixinho e timidamente, a seguir, cada vez mais alto e forte, ouvia-se a canção “Noite-Feliz”, que misturava com o canto estridente das cigarras. Ninguém sabia quem havia iniciado, mas todos acompanhavam a pequena canção de rico conteúdo, cujos acordes ecoavam pelo céu estrelado. Era como se um anjo tivesse descido para acalantar todos os corações.

Nessa noite, mais do que a viagem inteira, todos se sentiram muito próximos uns dos outros.” (2006, p. 85)

Outros Grupos e Sociedades são organizados a partir do Galpão como o *Schuetzenverein* Blumenau (Tabajara Tênis Clube), inaugurado em 2 de dezembro de 1859 (aniversário do Imperador Pedro II), com o objetivo de desenvolver a prática esportiva do tiro além de reunir associados e familiares. Daqui são organizadas as primeiras festas (1859) no lote 19 de propriedade do Dr. Blumenau com 2.500m². O local se deve por solicitação dos membros e do Delegado de polícia pois deveria ser seguro para a prática do tiro ao ar livre (Kormann, p. 138).

A Associação *Gymnastica* Blumenau (*Turnverein* Blumenau) é fundada em 5 de outubro de 1873 com o objetivo de praticar e difundir a ginástica olímpica, esportes e jogos (punhobol). Além disso, são organizadas reuniões recreativas, excursões *Turnkraenzchen* (entre elas a primeira para o Morro do *Spitzkopf*), números artísticos e ginástica rítmica.

3.3ABRIGOS

Através do Site Blumenau,.: Evolução urbana, Siebert (1999) destaca a relação do sítio com o assentamento humano em relações bidirecionais. É o Itajaí-Açu e sua Bacia Hidrográfica o fator determinante do processo de ocupação de espaço.

A malha urbana desenvolveu-se inicialmente, linearmente ao longo dos cursos d'água, ocupando o leito secundário do rio e sendo afetada por suas inundações periódicas.

Fugindo das cheias, o passo seguinte da expansão urbana foi subir para os morros onde está entregue a sorte dos riscos de deslizamento. O desenvolvimento urbano é prejudicado por estes conflitos com o meio natural e por esta razão elaboramos a primeira tabela organizando as cheias pelos períodos de evolução urbana.

Tabela 1 - Picos de cheias registradas no município de Blumenau superiores a 8,50m separados pelos períodos de evolução urbana de Blumenau

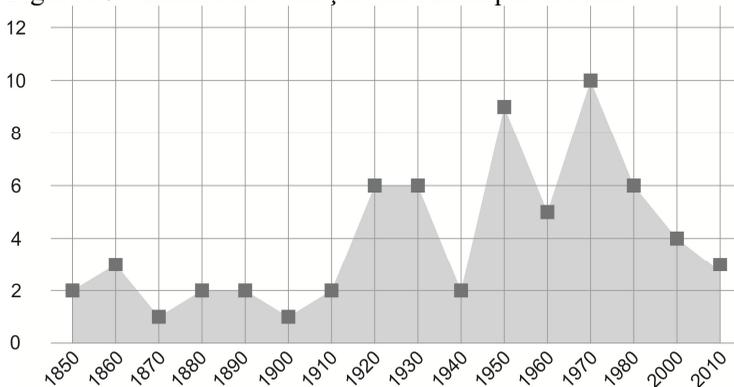
| PERÍODO | ANO | DATA | COTA | ANO | DATA | COTA |
|-------------|------|-------|--------|------|-------|--------|
| 1850 a 1899 | 1852 | 29/10 | 16,30m | 1870 | 11/10 | 10m |
| | 1855 | 20/11 | 13,30m | 1880 | 23/9 | 17,10m |
| | 1862 | 20/11 | 9m | 1888 | 23/9 | 12,80m |
| | 1864 | 17/9 | 10m | 1891 | 18/6 | 13,80m |
| | 1868 | 27/11 | 13,30m | 1898 | 01/5 | 12,80m |

| | | | | | | |
|-------------|------|--------|--------|------|--------|--------|
| 1900 a 1949 | 1900 | 2/10 | 12,80m | 1931 | 18/9 | 10,80m |
| | 1911 | 29/5 | 16,90m | 1931 | 25/5 | 10,80m |
| | 1911 | 20/6 | 9,86m | 1932 | 4/10 | 9,85m |
| | 1923 | 14/5 | 9m | 1933 | 29/9 | 11,65m |
| | 1925 | 14/1 | 10,3m | 1935 | 27/11 | 11,4m |
| | 1926 | 9/11 | 9,50m | 1939 | 3/8 | 11,2m |
| | 1927 | 18/6 | 12,30m | 1943 | 17/5 | 10,25m |
| | 1928 | 15/8 | 11,76m | 1948 | 17/10 | 11,80m |
| | 1928 | 2/5 | 10,82m | | | |
| 1950 a 1999 | 1950 | 31/10 | 9,1m | 1973 | 22/7 | 9,1m |
| | 1953 | 31/10 | 9,4m | 1973 | 29/8 | 12,24m |
| | 1954 | 19/5 | 9,3m | 1975 | 4/10 | 12,4m |
| | 1954 | 22/10 | 12,88m | 1977 | 18/8 | 9,25m |
| | 1955 | 19/5 | 10,36m | 1978 | 26/12 | 11,45m |
| | 1957 | 21/7 | 9,1m | 1979 | 10/5 | 9,75m |
| | 1957 | 2/8 | 10,4m | 1979 | 9/10 | 10,2m |
| | 1957 | 18/8 | 12,86m | 1980 | 22/12 | 13,02m |
| | 1957 | 16/9 | 9,24m | 1983 | 4/3 | 10,35m |
| | 1961 | 12/9 | 10,1m | 1983 | 20/5 | 12,46m |
| | 1961 | 30/9 | 9,4m | 1983 | 9/7 | 15,34m |
| | 1961 | 1/11 | 12,18m | 1983 | 24/9 | 11,5m |
| | 1966 | 13/2 | 9,82m | 1984 | 7/8 | 15,46m |
| | 1969 | 6/4 | 9,89m | 1990 | 21/7 | 8,82m |
| | 1971 | 10/6 | 10,1m | 1992 | 29/5 | 12,8m |
| 197 | 29/8 | 11,07m | 1992 | 1/7 | 10,62m | |
| 1973 | 25/6 | 11,05m | 1997 | 1/2 | 9,44m | |
| 2000 a 2017 | 2001 | 01/10 | 11,02m | 2011 | 31/8 | 8,7m |
| | 2010 | 26/5 | 8,64m | 2011 | 9/9 | 12,8m |

Fonte: Banco de Dados do CEOPS, 2017, adaptado pelo autor

Em décadas, os picos de cheias seguem:

Figura 10 - Gráfico da evolução das cheias por décadas



Fonte: dados do CEOPS adaptados pelo autor.

Para efeitos de esclarecimento o leitor poderá acompanhar mapas e dados da Evolução Urbana nos anexos do presente trabalho. Nessa leitura chamamos a atenção para uma relação entre os eventos de cheias, associados as questões econômicas, implicam em transformações na malha urbana, oriundas de revisões da legislação urbana.

O primeiro abrigo para as cheias foi o próprio Galpão da Recepção, por ocasião da enchente de 1855 com 13,30m, afeta o próprio fundador da colônia, sua casa foi arrastada pelo rio (SILVA, 1972, p.59). Os abrigos de Blumenau conforme dados obtidos na Defesa Civil:

Quadro 1 - Abrigos de Blumenau

| | |
|---|--|
| <p>Escolas</p> <p style="text-align: center;">42</p> | <p>C1- EBM Tiradentes, C3- Colégio Sagrada Família, C4- FURB - Ginásio de Esportes, C6- EEB Victor Hering, C7- EBM Machado de Assis, E2- EBM Vidal Ramos, E4- EEB Júlia Lopes de Almeida, E5- EBM Gustavo Richard, E11- EEB Hermann Hamann, E12- EBM Francisco Lanser, N2- EBM Felipe Schmidt, N4- EBM Anita Garibaldi, N5- EBM Wilhelm Theodor Schurmann, N6- EBM Patrícia Helena Finardi Pegorim, N7- EBM Professor Rodolfo Hollenweger, N8- EBM Visconde de Taunay, N9- EBM Professor Friedrich Karl Kimmelmeier, N11- EEB Cel. Pedro Christiano Feddersen, N12- EM Erich Klabunde, N13- EBM Leoberto Leal, N14- EBM Paulina Wagner, N15- EBM Joaquim Fronza, N16- EBM Quintino Bocaiúva, S5- EEB Comendador Arno Zadrosny, S6- EEB Santos Dumont, S7- EEB Izolete Muller, S8- Capela Santa Luzia, S13- EEB Governador Celso Ramos, S14- EEB Padre José Maurício, S15- EBM Henrique Alfarth, S17- EEB Professor Nilo Borghesi, S18- EBM Pedro II, S19- EEF José Vieira Corte, W2- EBM Helena Winckler, W3- EEB Hercílio Deeke, W4- EEB Conselheiro Mafra, W5- EEB João Durval Muller, W6- EBM General Lúcio Esteves, W7- EBM Professora Norma Dignart Huber, W8- EBM Hella Altemburg, W9- EBM Alberto Stein, W10- EBM Annemarie Techentin</p> |
| <p>Igrejas</p> <p style="text-align: center;">7</p> | <p>C2- Catedral São Paulo Apóstolo, E6- Capela São João Batista, E9- Igreja Evangélica Livre de Blumenau – IELBLU, E10- Paróquia São Francisco de Assis, N10- Paróquia Luterana Itoupava, S3- Paróquia Luterana Centro, S10- Paróquia Santo Antonio, W1- Paróquia Luterana da Velha</p> |
| <p>Clubes, Associações</p> <p style="text-align: center;">8</p> | <p>C5- Associação Cultural e Esportiva Cremer – ACECREMER, E1- Clube Blumenauense de Caça e Tiro, E7- Clube de Caça e Tiro Tell, E8- Danceteria Rivage, N1- Sociedade Esportiva Recreativa e Cultural Salto do Norte, S1- Grupo de Escoteiros Leões, S9- Centro Municipal de Ampliação do Tempo e Espaço Pedagógico, S12- Sociedade</p> |

Fonte: Defesa Civil de Blumenau, adaptado pelo Autor.

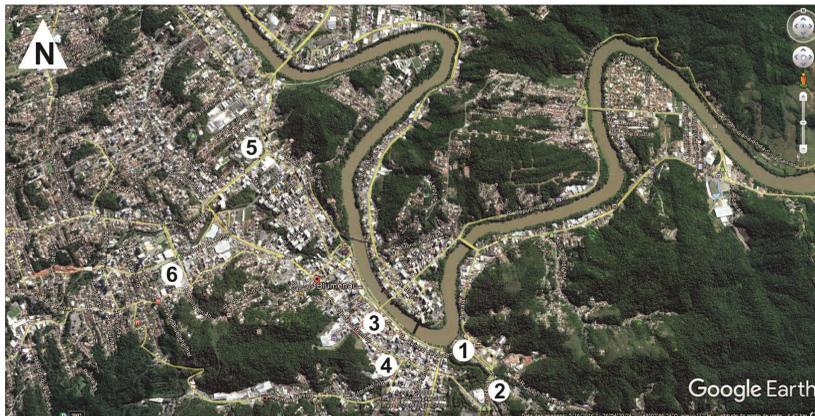
Dessa relação foram selecionados o Colégio Sagrada Família, o Ginásio da Furb, a Catedral São Paulo Apóstolo e a Paróquia Luterana Centro. Apesar de atingida pelas cheias, destacamos também a Vila Germânica, pois além de abrigar a Oktoberfest e seus signos, funciona como central de arrecadação de donativos quando o rio retorna ao seu leito regular. Os critérios de seleção estão associados às atividades desenvolvidas no Galpão da Recepção como orar, estudar e associar para destacar o ciclo de encontro. Outro aspecto importante são as características que definem estas arquiteturas como elementos primários.

Figura 11 - Mapa de cheias de Blumenau em simulação de 12 metros



Fonte: LABGEO, Furb, último acesso em 3/10/2017'

Figura 12 - Localização dos elementos primários em recorte urbano de Blumenau-SC



LEGENDA

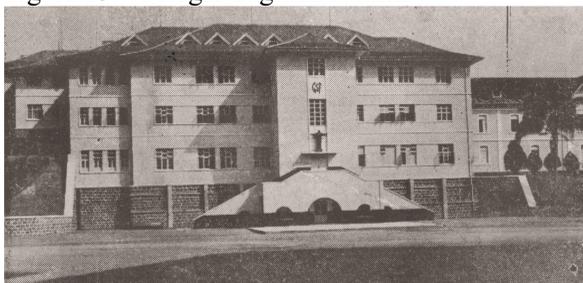
- | | |
|------------------------------------|-----------------------------|
| 1 - Galpão da Recepção | 4 - Colégio Sagrada Família |
| 2 - Igreja do Espírito Santo | 5 - FURB |
| 3 - Catedral de São Paulo Apóstolo | 6 - Vila Germânica |

Fonte: Google Earth, adaptado pelo autor, 2017

3.3.1 Colégio Sagrada Família

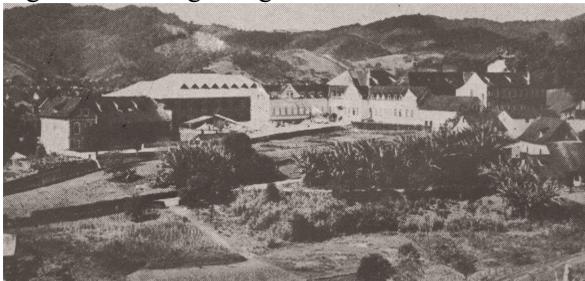
O Colégio Sagrada Família registra seu início com a chegada das irmãs Anna, Rufina e Paula em 1895.

Figura 13 - Colégio Sagrada Família



Fonte: Livro do Centenário de Blumenau, 1950.

Figura 14 - Colégio Sagrada Família



Fonte: Livro do Centenário de Blumenau, 1950.

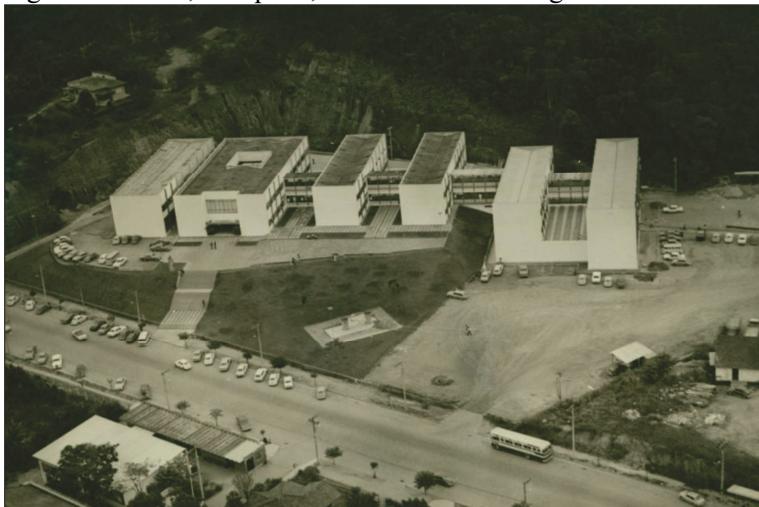
O critério de seleção para o Colégio como Elemento Primário se dá através da análise de Budag (2004, p. 111): “... as instituições de ensino são importantes pólos geradores de centralidade, pois todos os dias, em diferentes períodos, atraem alunos, professores e funcionários, gerando uma série de atividades no entorno delas”.

Soma-se a estas rotinas a relação da instituição de ensino com o Hospital Santa Isabel, administrado pela mesma ordem da Divina Providência do Brasil. É natural que tanto o movimento do Colégio como do Hospital gerem uma centralidade nesse local.

3.3.2 Furb

Em 5 de março de 1964, é promulgada a Lei Municipal n.1233 a qual cria Faculdade de Ciências Econômicas de Blumenau. Em 24 de dezembro de 1968 é promulgada a Lei Municipal n. 1557 que cria Fundação Universidade Regional de Blumenau. Em 2 de agosto de 1969 são construídos os três primeiros blocos.

Figura 15 - Furb, Campus I, Rua Antônio da Veiga



Fonte: Centro de Memória Universitária - CMU-FURB.

Por se tratar também de um pólo gerador de centralidade, identificamos a Universidade Regional de Blumenau como elemento primário. O que se observa em termos urbanos é o desenvolvimento de uma nova centralidade nessa região. Pesquisas recentes desenvolvidas pela própria universidade trabalham a setorização dos Distritos Turísticos e de Inovação.

3.3.3 Catedral São Paulo Apóstolo

No ano de 1854, chegaram a Blumenau os primeiros alemães católicos. No ano de 1864, foi construída a primeira capela. No dia 25 de janeiro de 1865, foi celebrada a primeira missa. Realizou-se nessa data também a primeira festa em honra do padroeiro São Paulo Apóstolo.

Em setembro de 1868, foi abençoada a pedra fundamental da Igreja Matriz. Pela Lei Provincial 694, de 31 de julho de 1873, foi criada a Freguesia de São Paulo Apóstolo. No dia 24 de dezembro de 1876, foi dada a bênção da Matriz, projetada pelo arquiteto Henrique Krohberger. Em 1878, o Bispo do Rio de Janeiro erige a Paróquia São Paulo Apóstolo.

Figura 16 - Igreja Matriz a partir da Rua XV de Novembro



Fonte: AHJFS, 1897

Figura 17 - Antiga matriz e casa paroquial



Fonte: Livro do Centenário de Blumenau, 1950.

No dia 24 de maio de 1953, foi celebrado o lançamento da pedra fundamental da nova Matriz (atual Catedral). O arquiteto Gottfried Boehm fez o projeto. Três anos depois, foi dada a licença para a bênção de parte da nova construção e demolição da antiga igreja. No dia 25 de janeiro de 1958, realizou-se a cerimônia da consagração da nova e

suntuosa Igreja Matriz. Nessa ocasião, o bispo Dom Gregório Warmeling celebrou sua primeira missa pontifical.

A Catedral como abrigo. Na imagem as instalações do Porta Aberta, espécie de Salão Paroquial, anexo a Igreja, onde serviu de espaço para a arrecadação de donativos bem como abrigo.

Figura 18 - Nova Catedral, perspectiva de Gottfried Böhm



Fonte: Site Vitruvius.

Figura 19 - Nova Catedral



Fonte: Site Turismo Blumenau, último acesso em 3/10/2017

Figura 20 - Catedral como abrigo e central de arrecadação de doações.



Fonte: Blog Flávio Borges, último acesso em 3/10/2017

3.3.4Paróquia Luterana Centro

No dia 2 de setembro de 1850 o Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, que também era evangélico-luterano, celebrou um culto no primeiro domingo após a chegada. Esse culto, que consistiu de leituras bíblicas, hinos corais e leitura de uma prédica e orações, foi oficializado no Galpão dos Imigrantes. Só em 1857 chegou o primeiro pastor para trabalhar entre os imigrantes evangélicos-luteranos do Vale do Itajaí que, naquele ano, já somavam mais de mil pessoas.

O pastor Rudolf Oswald Hesse celebrou seu primeiro culto no dia 9 de agosto de 1857. Este dia foi fixado como data de fundação da Comunidade Evangélica de Blumenau. O pastor Hesse celebrou, até o seu falecimento em 1879, cultos nos mais diversos recantos do Vale do Itajaí. Sua comunidade abrangia toda a área que hoje compõe o Sínodo Vale do Itajaí. Da Comunidade Evangélica de Blumenau partiram os imigrantes para todo o Vale e, por um longo período, foram acompanhados pastoralmente pelos pastores dessa comunidade.

Figura 21 - Igreja Luterana do Centro e Ponte Coberta



Fonte: Blog Angelina Wittmann, último acesso em 3/10/2017

Os registros relatam uma cidade que se inicia Luterana com os primeiros imigrantes. Pouco tempo entre a primeira e as novas chegadas que trazem os católicos. Não se procura aqui estabelecer a fé oficial da cidade. Para Coulanges existem relações entre o culto doméstico e o da cidade:

“Nunca devemos perder de vista que, nos tempos antigos, era o culto que constituía o vínculo unificador de toda e qualquer sociedade. Assim como o altar doméstico mantinha unidos ao seu redor os membros de uma família, assim o culto de uma cidade era a reunião de homens que tinham os mesmos deuses protetores e realizavam o ato religioso no mesmo altar.” (1972, p. 116)

No início da colônia pode-se compreender um espaço ecumênico na ausência de padre ou pastor, um momento de oração em uma reunião de domingo. Cumpria o papel de orador o Diretor da Colônia, como um capitão em seu navio. Católicos e Luteranos viveriam em harmonia, mas cada qual com seus ritos a partir de suas sedes, em seu primeiro afastamento nos tempos a seguir, seriam duas cidades em uma? Reflete Coulanges:

“Cada cidade tinha deuses próprios que não pertenciam senão a ela. Esses deuses eram, comumente, da mesma natureza que os da religião primitiva das famílias. Como esses deuses,

também se chamavam Lares, Penates, Gênios, Demônios e Heróis.” (1975, p. 117)

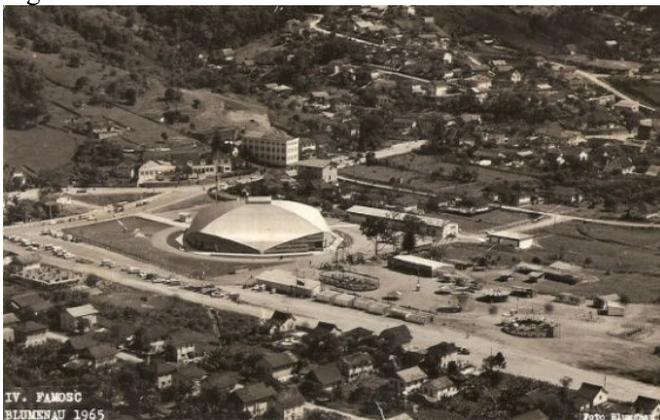
3.3.5 Vila Germânica

A Feira de Amostras de Santa Catarina foi criada em 1964 para apresentar os produtos de Blumenau e região. Esse local era administrado pela Comissão de Exposições de Blumenau (COEB). Com o passar do tempo passa a abrigar jogos e os chamados Bailes do Chopp.

Em 1980 passa a ser administrado pela Fundação Promotora de Exposições de Blumenau (Proeb) que se amplia por conta da Oktoberfest. Em sua primeira edição a festa é realizada no antigo pavilhão. Em 1986 edifica-se o Pavilhão B, seguido pelo C (1986) e E (1989) com a ampliação da festa e com a organização de outros eventos como feiras e exposições. Em 2003 é inaugurado o Pavilhão D. As instalações foram demolidas em 2005, com a construção dos novos pavilhões, denominando-se este conjunto de Centro de Exposições Vila Germânica em maio de 2006.

Atualmente este espaço é o que mais se assemelha ao Galpão da Recepção. Aqui se manifesta a identidade da cidade para o país. Pela sua centralidade e representatividade para seus cidadãos e visitantes, a Vila Germânica se qualifica como um importante elemento primário.

Figura 22 - Famosc



Fonte: AHJFS, 1965

Figura 23 - Vila Germânica como central de arrecadação de doações



Fonte: Jandyr Nascimento, CLICRBS, último acesso em 3/10/2017

Figura 24 - Vila Germânica atingida pelas Cheias



Autor: Jaime Batista da Silva, 2008

3.3.6 Os ritos

Apesar das diferenças de ritos, Católicos e Luteranos tinham em comum algumas celebrações, como era, é, e sempre será a Páscoa e o Natal. Em comum a religião, o comércio irá reforçar esta união. Mas chamamos a atenção para o que registra Coulanges:

“Todas as cidades haviam sido fundadas segundo aqueles ritos que, no pensar dos antigos, tinham como efeito fixar, dentro de seus limites, os deuses nacionais. Era preciso renovar anualmente, por nova cerimônia religiosa, as virtudes desses ritos; chamava-se a esta festa o dia natalício, devendo todos os cidadãos comemorá-la.” (1975, p.127)

O Natal é o que mais se destaca em uma possível relação com o fogo sagrado, herança de ritos antigos? Esse Natal é celebrado nas casas com os pinheirinhos, enfeitados com bolas e velas (fogo). É importante também registrar o Advento celebrado com velas (fogo). Além do fogo, os desfiles de Natal ocorrem em um tempo que a rua XV de Novembro era a casa comum a todos, realizado pelas lojas Hermes Macedo.

Figura 25 - Pórtico lojas Hermes Macedo para o Natal na rua XV de Novembro.



Autor: arquivo de José Geraldo Reis Pfau.

Nos bairros as casas são enfeitadas com iluminação (luz e fogo) e o comércio destes locais também se organiza para os festejos.

Figura 26 - Iluminação natalina em residência em Blumenau, SC



Fonte: Globo.com, Autor: Reprodução RBSTV,

A Vila Germânica organiza o desfile de Natal, denominado Magia de Natal.

Figura 27 - Magia de Natal, desfile na Vila Germânica



Fonte: Giovanni Silva, 2016

As festas de Páscoa e Natal são realizadas em todos os elementos primários selecionados.

O todo sem a parte não é o todo; a parte sem o todo não é a parte; mas se a parte o faz todo sendo parte, não se diga que é parte, sendo o todo.
(Gregório de Matos, O Boca de Brasa).

4CONCLUSÃO

Os estudos em relação aos elementos primários em Blumenau-SC, não encerram nesta pesquisa. As questões econômicas e físicas (limitações topográfica) vão determinar a presença de outros elementos na malha urbana e cada qual, em sua região, sua própria identidade. Na região central destacam-se o Centro Histórico, a Rua XV de Novembro e a atual Vila Germânica, pois de uma forma ou de outra ainda abrigam os ritos da cidade. Também o são considerados o Colégio Sagrada Família, a Igreja de São Paulo Apóstolo, A Furb (com maior intensidade).

A cidade sofre mutações e o que era centralidade pode ser hoje um espaço de degradação. Com a implantação da Câmara de Vereadores (atual ocupação do Galpão da Recepção), a região do Centro Histórico ganha vida para além do uso eventual de alguns poucos turistas.

Em relação a Vila Germânica ela guarda seu valor da condição de portadora de símbolo étnico (*ethos* do trabalho). Evidencia-se na realização da Oktoberfest mas também nas festas locais como o Natal e a Páscoa. A Vila Germânica é hoje um dos Elementos Primários que identificamos nesta nova centralidade em formação. Destacamos também que a Festa Natalina usa o espaço da rua para a realização de Desfile, desvinculando da Rua XV de Novembro. São os ritos do “fogo sagrado” que ocorrem nas casas e de forma distinta na cidade, mas ainda conectados.

A rua XV de Novembro permanece ainda um Elemento Primário importante pois é palco dos desfiles cívicos e também da Oktoberfest. A cidade se conecta melhor com seus cidadãos e com os visitantes através dela. Além disso os eventuais fechamentos desta rua aos domingos, permite o passeio a pé e de bicicleta. É possível observar muitos animais de estimação. Observa-se a relevância da sua arquitetura que apesar de bem catalogada pelo setor do patrimônio histórico, ainda poderia ser melhor explorada com um guia ou roteiro. As principais edificações eram dotadas de placas de identificação em acrílico, mas foram removidas com o tempo.

Cada elemento primário está associado a uma nova identidade e as apropriações subjetivas que lhe dizem respeito, conseqüentemente não apenas vinculados ao Galpão da Recepção, mas também a ele. Outros fatores podem e devem ser explorados.

A dimensão subjetiva na arquitetura é um importante tema de abordagem para os estudos relacionados a arquitetura e patrimônio, assim como a evolução da malha urbana e ampliam nossa compreensão

do objeto ao todo. Seguimos portanto o pensamento de Lúcia Leitão, na importância deste tema na formação de arquitetos e urbanista.

Seria importante que os primeiros mapas fossem digitalizados para que o exercício de análise da evolução urbana fosse mais efetivo com a técnica de sobreposição. Mattedi faz uso da sobreposição dos primeiros mapas com a foto aérea (p. 41) e ficam muito claras as cicatrizes dos lotes coloniais como do desaparecimento de ribeirões e veios de água. Material importante para este tema como para outras pesquisas.

Se as escolas estaduais e municipais contemplam hoje a grande estrutura de abrigos da defesa civil do município, é de se avaliar a importância da adaptabilidade de seus projetos arquitetônicos já em sua concepção. A simples implantação de chuveiros nos sanitários já resolveria algumas questões importantes de higiene pessoal em um primeiro momento. Depósitos fixos para arrecadação de doações e materiais de apoio (colchões etc). Layout's prévios para a adaptação das salas em dormitórios. Lavanderias provisórias ou definitivas para uso regular comunitário ou no caso dos eventos de cheias. Assumir portanto que são estes os espaços oficiais que contemplam a estrutura da Defesa Civil de Blumenau.

Outra questão importante é o trabalho social que se pode desenvolver através de universidades, IAB, CAU etc com a participação efetiva de estudantes e arquitetos na elaboração de layout's das estruturas existentes em futuros abrigos. Levantamentos precisos e a antecipação de equipamentos, tornaria o processo de adaptação mais rápido e organizado.

Não falamos do futuro, pois Blumenau continuará com seu ciclo de cheias e a elas nos adaptaremos. Já o Brasil e o mundo estão em crise por conta das migrações oriundas, em sua grande parte, de questões econômicas (pobreza) além das guerras e um crescente sentimento de intolerância. Qualquer semelhança com a situação vivenciada pelos primeiros imigrantes alemães não será mera coincidência.

Outros Galpões da Recepção, para aqueles com melhor sorte, estão sendo montados nesse instante. Vidas e dramas pessoais se configuram nesses espaços. Qual arquitetura melhor se manifesta para seus usuários? Essas perguntas são formuladas atualmente em nossa formação?

Talvez a subjetividade na arquitetura possa ancorar ou amparar de melhor forma a realidade de muitas pessoas, que migram para fugir de desastres ambientais, guerras, perseguições políticas, étnicas ou

culturais, em busca de trabalho ou simplesmente de melhores condições de vida.

REFERÊNCIAS

DÜBBERS, Pastor Rolf, et all. **1º Centenário da Comunidade Evangélica de Blumenau: 1857 – 9 de agosto – 1957**. Blumenau: Tipografia e Livraria Blumenauense S.A., 1957.

Angelina Wittmann, Blog. Disponível em: <https://angelinawittmann.blogspot.com.br/>. Último acesso em 3/10/2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BLUMENAU, Hermann Bruno Otto. **A Colônia Alemã Blumenau: na Província de Santa Catarina no Sul do Brasil**. Blumenau: Cultura em Movimento; Instituto Blumenau 150 anos, 2002. 260 p.

BINDER, Frei João Capistrano (Revisor); SILVA, José Ferreira da; *et all.* **Centenário de Blumenau: 1850 – e de setembro – 1950**. Blumenau: Tipografia e Livraria Blumenauense S.A., 1950.

BUDAG, Luciana. **Vida coletiva e trocas sociais na área central de Blumenau-SC**. 2004. 183 f. Dissertação, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004.

Catedral de Blumenau. Disponível em: <http://www.catedraldeblumenau.org.br/catedral>. Último acesso em 3/10/2017.

CLIC RBS. Disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/rs/>. Último acesso em 3/10/2017.

Colégio Sagrada Família. Disponível em: <http://www.sagrada.net/colégio/historia/19453>. Último acesso em 3/10/2017.

COULANGES, Fustel de. **A cidadã antiga: Estudos sobre o culto, o direito, as instituições de Grécia e de Roma**. São Paulo: Hemus, 1975.

DEEKE, José. **O município de Blumenau e a história de seu desenvolvimento**. Blumenau: Nova Letra, 1995. 295 p.

Flavio Borges, Blog. Disponível em: <http://profflavioborges.blogspot.com.br/2008/11/>. Último acesso em 3/10/2017.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

KORMANN, Edith. **Blumenau: arte, cultura e as histórias de sua gente (1850 – 1985), Volume 2.** Florianópolis: Paralelo 27, 1994.

Laboratório de Geoprocessamento do Departamento de Engenharia Florestal (LABGEO), FURB. Carta Enchente e as Cotas Enchente para Blumenau. Disponível em: <http://www.labgeo.furb.br>. Último acesso em 3/10/2017.

LEITÃO, Lúcia. **Onde coisas e homens se encontram: cidade, arquitetura e subjetividade.** São Paulo: Annablume, 2014. 174 p.

LÉNÁRD, Sándor. **O vale do fim do mundo: Sándor Lénárd.** São Paulo: Cosac Naify, 2013. 224 p.

MONTANER, Josep Maria. **Arquitetura e Política: ensaios para mundos alternativos.** São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2014. 253 p.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Parque Vila Germânica. Disponível em: <http://www.parquevilagermanica.com.br/>. Último acesso em 3/10/2017.

RYKWERT, Joseph. **A casa de adão no Paraíso: a idéia da cabana primitiva na história da arquitetura.** São Paulo: Perspectiva, 2009.

SEYFERTH, Giralda *et all.* MAUCH, Cláudia e VASCONCELLOS, Naira (Org.). **Os alemães no Sul do Brasil: cultura – etnicidade – história.** Canoas; Editora da Ulbra, 1994.

SIEBERT, Claudia. **Evolução Urbana de Blumenau.** Disponível em: <http://csiebert-arq.wixsite.com/blumenau-urbana/>. Último acesso em 3/10/2017.

SILVA, José Ferreira da, EMMENDOERFER, Frei Ernesto. **Centenário de Blumenau: 1850 – 2 de setembro - 1950**. Blumenau: Tipografia e Livraria Blumenauense S.A., 1950.

SILVA, José Ferreira da. **História de Blumenau**. Florianópolis: Edeme, 1972, 380 pp.

STOER, Hermann. *et all.* **Blumenau em Cadernos**. Blumenau: Casa Dr Blumenau, 1979. Tomo XX, N. 6.

Turismo Blumenau. Disponível em: <http://turismoblumenau.com.br/o-que-fazer/igrejas/catedral-sao-paulo-apostolo/detalhe>. Último acesso em: Último acesso em 3/10/2017.

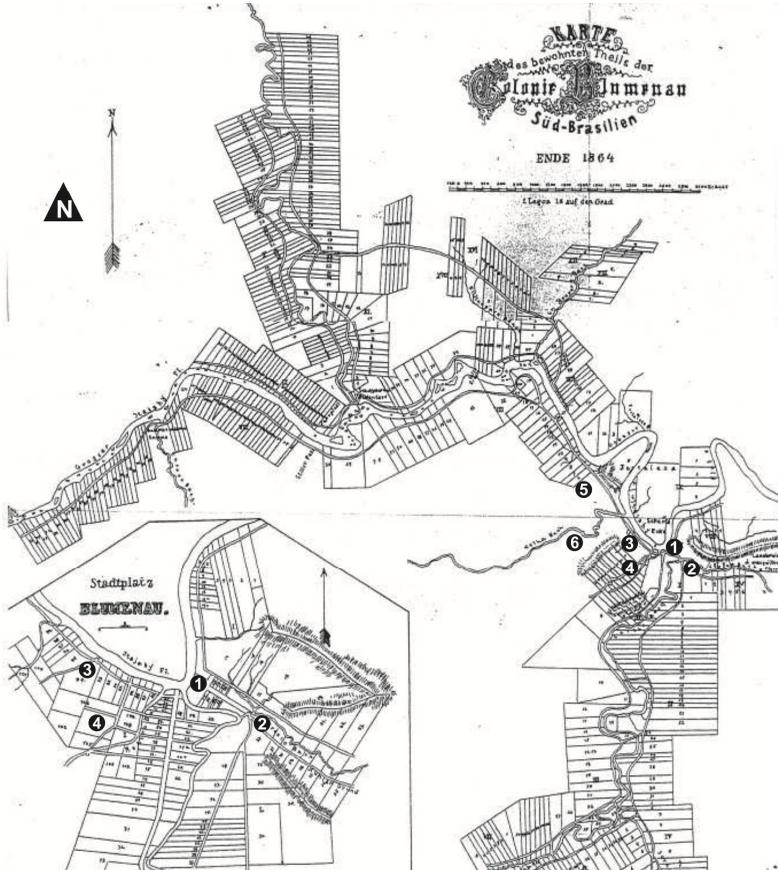
Vitruvius. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/15.057/5013?page=2>. Último acesso em 3/10/2017.

ANEXO A – Principais fatos registrados no período de 1850 a 1899

| | |
|--------------------|--|
| 1850 a 1899 | <p>Em um período de 49 anos foram registradas 10 cheias e a população cresceu de 17 habitantes em 1850 para 14.981 habitantes em 1880 e 34.472 habitantes em 1900.</p> <p>A fundação da colônia objetiva a exploração agrícola e nesses primeiros anos (1880) é isso o que efetivamente acontece. Mas com a limitação dos morros para uma exploração sustentável, a evolução econômica passa pela indústria têxtil nos anos a seguir.</p> <p>De 1880 a 1915 podemos caracterizar como o período da primeira fase da industrialização.</p> <p>1848: Visita do Dr. Blumenau ao Vale do Itajaí; 1850: Fundação da Colônia, chegada dos primeiros 17 imigrantes; 1852: Entrega dos primeiros lotes aos colonos, e enchente de 16,30 metros; 1856: Primeira ponte sobre o Ribeirão Garcia; 1858: Elevação a Distrito de Paz; 1859: A Colônia passa ao patrimônio do Governo Imperial; *Desbravamento dos ribeirões do Teste (direção a Pomerode), do Cedro (Rio dos Cedros, Ascurra e Rodeio) e Benedito (Indaial); 1864: ()Capela de São Paulo Apóstolo de Blumenau; 1870: Escola Nº 1, Itoupava Central (Eng. Heinrich Nicholas Passold), restaurada em 1992 e 2001; 1875: Casa de Câmara e Cadeia (futura Prefeitura); 1876 (): Conclusão da Igreja Católica São Paulo Apóstolo (Arq. Heinrich Krohberger); 1877 (): Inauguração da Igreja Evangélica do Espírito Santo; 1878: Companhia de Navegação Fluvial a Vapor Itajahy-Blumenau; 1879: Primeiro vapor: “Progresso”; 1880: Emancipação e enchente de 17,10 metros; 1883: Instalação do Município e primeiro Código de Posturas; 1895 (): Chegada das irmãs Anna, Rufina e Paula.</p> |
|--------------------|--|

Fonte: Adaptado de Blumenau: Evolução Urbana, disponível em: <http://csiebert-arq.wixsite.com/blumenau-urbana/>, último acesso em março 2017.

ANEXO B – Colônia de Blumenau em 1864

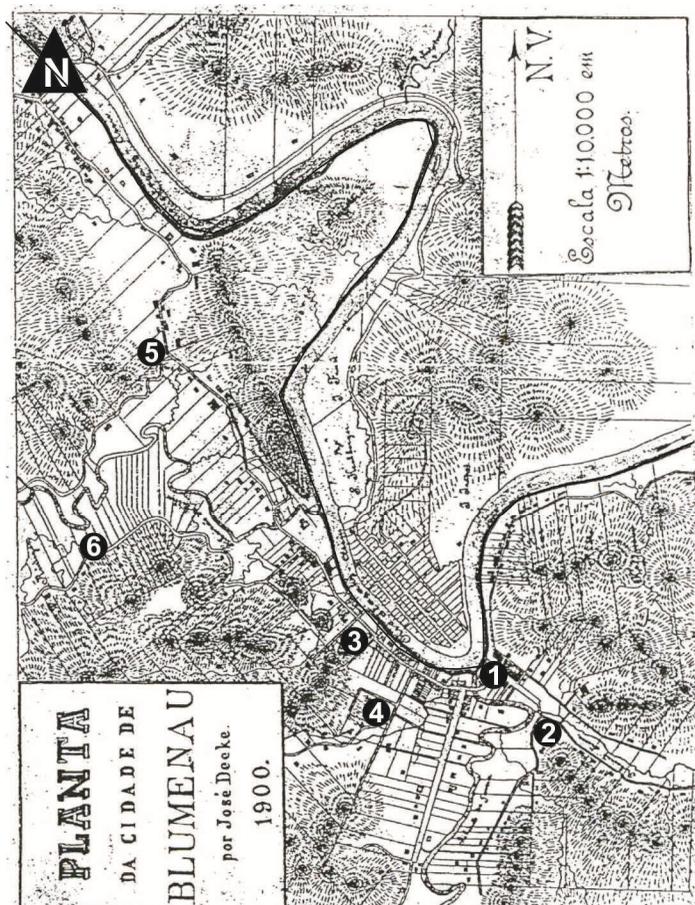


LEGENDA

- | | |
|------------------------------------|-----------------------------|
| 1 - Galpão da Recepção | 4 - Colégio Sagrada Família |
| 2 - Igreja do Espírito Santo | 5 - FURB |
| 3 - Catedral de São Paulo Apóstolo | 6 - Vila Germânica |

Fonte: Adaptado de Blumenau: Evolução Urbana, disponível em: <http://csiebert-arq.wixsite.com/blumenau-urbana/>, último acesso em março 2017.

ANEXO C – Blumenau em 1900



LEGENDA

- | | |
|------------------------------------|-----------------------------|
| 1 - Galpão da Recepção | 4 - Colégio Sagrada Família |
| 2 - Igreja do Espírito Santo | 5 - FURB |
| 3 - Catedral de São Paulo Apóstolo | 6 - Vila Germânica |

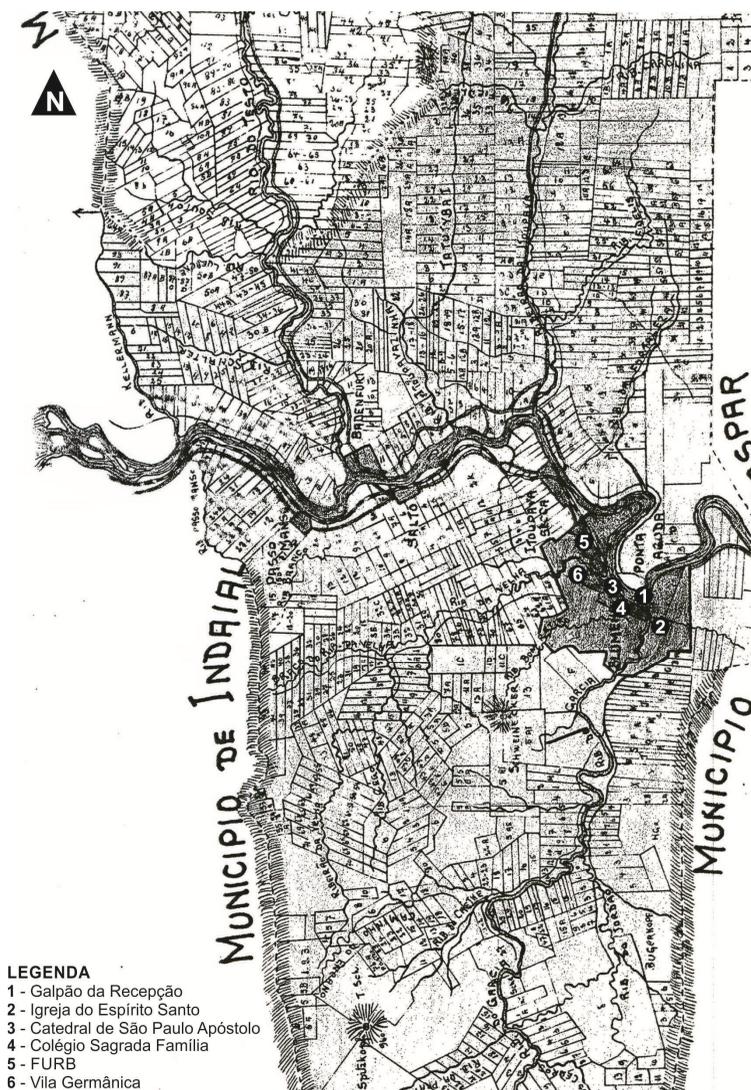
Fonte: Adaptado de Blumenau: Evolução Urbana, disponível em: <http://csiebert-arq.wixsite.com/blumenau-urbana/>, último acesso em março 2017.

ANEXO D – Principais fatos registrados no período de 1850 a 1899

| | |
|---------------------------|--|
| <p>1900 a 1949</p> | <p>Em um período de 49 anos foram registradas 17 cheias e a população cresceu de 34.472 habitantes em 1900 para 50.661 habitantes em 1949.</p> <p>De 1880 a 1915 podemos caracterizar como o período da primeira fase da industrialização. De 1915 a 1945 caracteriza-se pela segunda fase de industrialização. De 1945 a 1980, expansão da cidade industrial.</p> <p>1902: Retificação da Rua 15 de Novembro e conclusão do Hotel Holetz (demolido em 1959 para dar lugar ao Grande Hotel);</p> <p>1905: Novo Código de Posturas;</p> <p>1906: Ponte do Garcia;</p> <p>1908: Constituição da Santa Catarina Eisenbahn Gesellschaft S.A.</p> <p>1909: Iluminação elétrica; Inauguração do primeiro trecho da ferrovia (Blumenau - Warnow / Indaial);</p> <p>1911: Enchente de 16,90 metros;</p> <p>1912: Rede telefônica;</p> <p>1913: Ponte Lauro Muller (Ponte do Salto), primeira ponte sobre o Rio Itajaí-Açu em Blumenau;</p> <p>1914: Primeiro ônibus;</p> <p>1915: Usina do Salto (primeira hidrelétrica de Santa Catarina);</p> <p>1923: Novo Código de Posturas; Maternidade Johanastif (mais tarde Restaurante Cavalinho Branco e Casa do Comércio);</p> <p>1929: Início das obras da ponte da Estrada de ferro; pavimentação da Rua 15 de Novembro;</p> <p>1931: Inauguração da Ponte de Ferro da Estrada de Ferro (Ponte Deputado Aldo Andrade);</p> <p>1939: Teatro Carlos Gomes; Estátua peregrina (MUELLER): na administração do prefeito José Ferreira da Silva é encomendada a estátua de Dr Blumenau ao escultor Francisco de Andrade, na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro. É situada no início da Alameda Rio Branco (permaneceu 10 anos, de 1940 a 1950).</p> |
|---------------------------|--|

Fonte: Adaptado de Blumenau: Evolução Urbana, disponível em: <http://csiebert-arq.wixsite.com/blumenau-urbana/>, último acesso em março 2017.

ANEXO E – Mapa de Blumenau de 1938



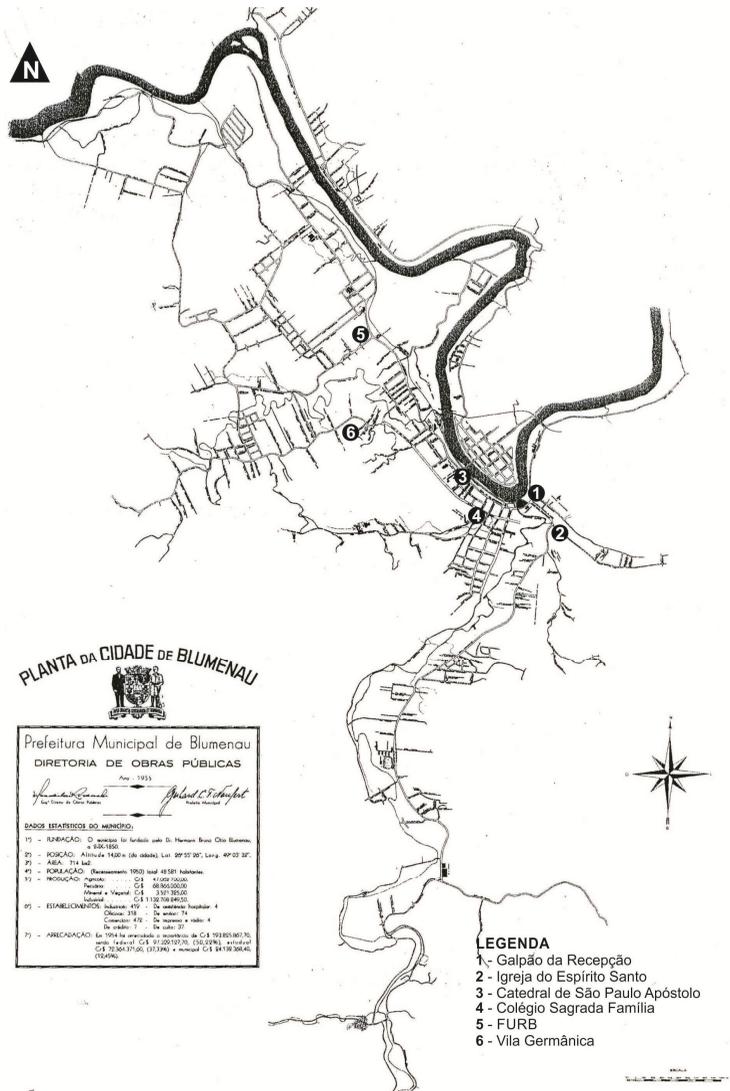
Fonte: Adaptado de Blumenau: Evolução Urbana, disponível em:
<http://csiebert-arq.wixsite.com/blumenau-urbana/>, último acesso em
março 2017.

ANEXO F – Principais fatos registrados no período de 1950 a 1999

| | |
|---------------------------|--|
| <p>1950 a 1999</p> | <p>Em um período de 49 anos foram registradas 37 cheias e a população cresceu de 48.108 habitantes em 1950 para 261.808 habitantes em 1999.</p> <p>De 1945 a 1980, expansão da cidade industrial. De 1980 a 1990, crise do setor têxtil. De 1990 a 2003 crise e superação. (Acib)</p> <p>1950: Inauguração da Ponte dos Arcos (Eng. Antonio Vitorino Ávila Filho ou Ponte da Sul Fabril); Estátua peregrina:</p> <p>1953: Inauguração da Ponte Irineu Bornhausen (Ponte das Gaitas Hering);</p> <p>1956: Lei 717 / 1956 - Divisão da área urbana em 19 bairros;</p> <p>1957: Conclusão da Ponte Adolfo Konder (Ponte da Moellmann ou Ponte do Centro);</p> <p>1958 () : Conclusão da Catedral São Paulo Apóstolo (Arq. Gottfried Böhm);</p> <p>1962 – Grande Hotel Blumenau (Arq. Hans Broos);</p> <p>1963 () : Conclusão da Torre da Catedral; início das obras da Beira-Rio;</p> <p>1967: Estátua peregrina (MUELLER): deslocada para a Alameda Duque de Caxias.</p> <p>1968 () : Construção do pavilhão B, PROEB.</p> <p>1971: Desativação da Estrada de Ferro;</p> <p>1972: Conclusão da Beira-Rio (Av. Pres. Castello Branco);</p> <p>1976: Conclusão da Ponte José Ferreira da Silva (Ponte do Anel Viário Norte);</p> <p>1977: Lei de incentivo a casas “típicas” e Primeiro Plano Diretor (Lei 2.235 / 1977);</p> <p>1978: Construções “típicas”: <u>Moellmann</u>, Bradesco, Unibanco, Banestado;</p> <p>1982: Prefeitura nova;</p> <p>1983: Enchente de 15,34 metros;</p> <p>1984: Enchente de 15,46 metros; Área Azul - Estacionamento Regulamentado; () Primeira Oktoberfest;</p> <p>1986 () : Construção pavilhão C, Proeb.</p> <p>1989: Revisão do Plano Diretor (Lei 3652 / 89); () Construção do pavilhão E, Proeb;</p> <p>1991: Reforma da Ponte de Ferro com integração ao sistema viário;</p> <p>1993: Shopping Neumarkt; Criação do IPPUB (LC 56 / 1993);</p> <p>1995: Sistema Integrado de Transportes de Blumenau;</p> <p>1996: Revisão do Plano Diretor (LC 140 / 1996);</p> <p>1999: Inauguração da Ponte Governador Wilson Pedro Kleinubing (Ponte do Tamarindo);</p> |
|---------------------------|--|

Fonte: Adaptado de Blumenau: Evolução Urbana, disponível em: <http://csiebert-arq.wixsite.com/blumenau-urbana/>, último acesso em março 2017.

ANEXO G – Mapa de Blumenau de 1955



Fonte: Adaptado de Blumenau: Evolução Urbana, disponível em: <http://csiebert-arq.wixsite.com/blumenau-urbana/>, último acesso em março 2017.

ANEXO H – Principais fatos registrados no período de 2000 a 2016

| | |
|---------------------------|---|
| <p>2000 a 2016</p> | <p>Em um período de 17 anos foram registradas 4 cheias e a população cresceu de 261.808 habitantes em 1999 para 334.002 habitantes em 2014.</p> <p>2016 crise brasileira.</p> <p>2001: Reurbanização da Rua 15 de Novembro (fiação subterrânea em 2002);</p> <p>2004: Novo Perímetro Urbano e Divisão em 35 Bairros (LC 489 / 2004);</p> <p>2005: Extinção do IPPUB (LC 514 / 2005);</p> <p>2006 (): Parque Vila Germânica;</p> <p>2007: Restauro da Blumenauense; reforma do Galegão; revitalização do Parque Ramiro Ruediger;</p> <p>2008: Maior desastre socioambiental da história de Blumenau;</p> <p>2011: Enchente de 12,80 m; primeiro corredor exclusivo de ônibus (R. 7 de Setembro).</p> <p>2015: Inauguração novo Pavilhão Vila Germânica (setor 4).</p> |
|---------------------------|---|

Fonte: Adaptado de Blumenau: Evolução Urbana, disponível em: <http://csiebert-arq.wixsite.com/blumenau-urbana/>, último acesso em março 2017.